Páginas Abertas

ANO 39 • nº 60 • 2014

PAULUS 100 ANOS

APRENDENDO brincando

A importância dos jogos e brincadeiras na sala de aula em busca do conhecimento sintonizado com a tecnologia

Entrevista

Leandro Yanaze, professor e pesquisador sobre o contexto digital na educação explica o conceito da tecno-pedagogia na escola e o futuro da educação

Cultura

Museu de Ciência e Tecnologia da PUC-RS destaca importância da história científica e oferece programação especial para escolas

OS CONTOS DE GRIMM

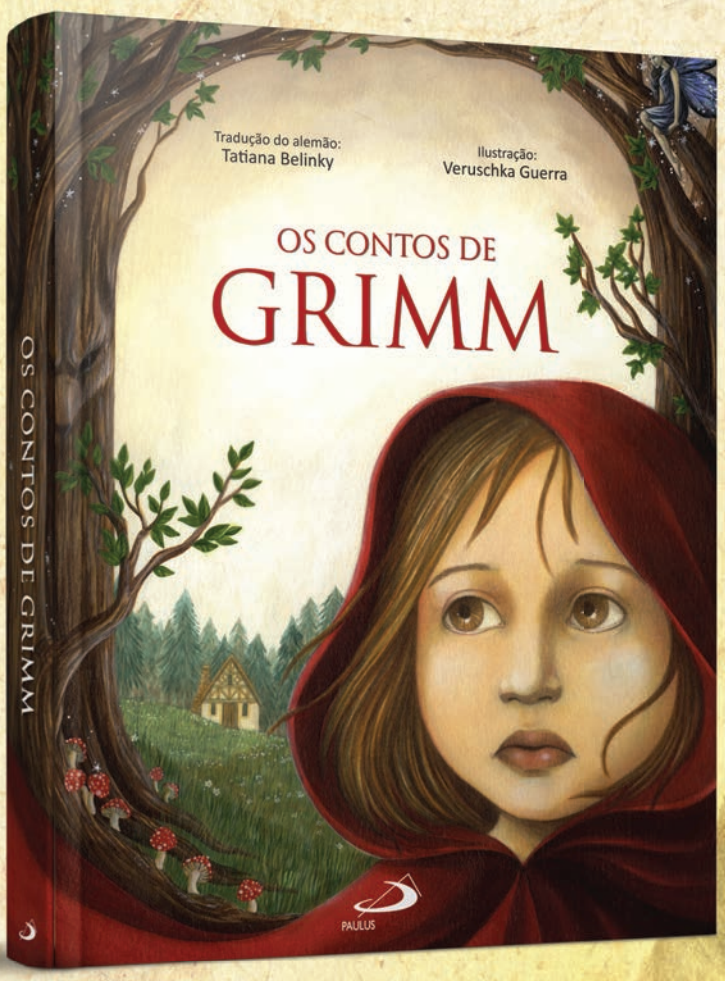
Em edição primorosa, ricamente ilustrado, apresenta 49 contos dos consagrados irmãos Jakob e Wilhem Grimm. Suas histórias populares e lendas continuam atuais até hoje, mesmo após dois séculos de criação. Entre elas se destacam Joãozinho e Mariazinha, A gata borralheira, Chapeuzinho vermelho, entre outras. Outro grande diferencial é a tradução do alemão – a língua materna dos irmãos Grimm –, por ninguém menos que a consagrada escritora Tatiana Belinky.

VENDAS:
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

paluseditora.oficial
editorapaulus
paulus.com.br

100 ANOS
PAULUS

Contos que encantam



264 páginas

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

Sumário

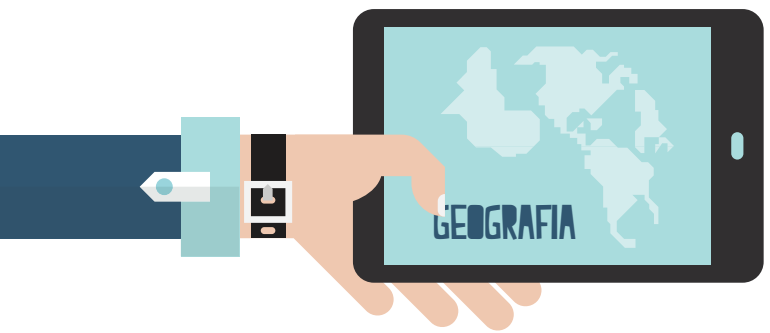
06 **Entrevista**
Tecnologia ao encontro da educação: o futuro do saber
O professor Leandro Yanaze, doutorando em Sistemas da Computação, arquiteto e mestrando em Comunicação, comenta o papel da tecnologia no processo de aprendizagem e o conceito de tecno-pedagogia, seus desafios e inovações dentro do cenário da educação brasileira.

16 **Saúde**
Síndrome de Burnout: o diagnóstico oficial do esgotamento físico e emocional
O mal gerado pela pressão profissional e social são mais visíveis em professores no final do ano letivo.

18 **História**
Deixando o samba viver
O trabalho do Centro Cultural Cartola, um dos grandes responsáveis pela conservação da história do samba, e suas diversas ações culturais nas escolas.

22 **Cultura**
Museu de Ciências e Tecnologia da PUC-RS
Biologia, ciência forense, tecnologia de transporte energético renovável, biografia de cientistas reconhecidos são grandes destaques desse museu pedagógico, criado através de parcerias entre os departamentos da Universidade do sul do Brasil.

28 **Homenagem**
Palavras que são eternas
Três professores escrevem sobre as recentes perdas e o legado de Rubem Alves, João Ubaldo Ribeiro e Ariano Suassuna.



Seções

CAPA

11 **Aprender brincando ou vice-versa**
O professor Gilson Schwartz, autor do livro *Brinco, logo aprendo* da PAULUS, comenta sobre as mudanças que as tecnologias já estão causando no sistema de ensino. O que esperar e como se preparar para o novo cenário? Algumas escolas descrevem a sua experiência com a utilização de jogos para o aprendizado.

20 **Reflexão**
E Papai Noel: vem ou não vem,
por Alexandre Carvalho

21 **Literatura**
Sombra e água fresca,
por Antonio Iraildo Alves de Brito

26 **Filosofia**
Isso é culpa do governo?
E as contas que são da nossa conta?
por Mario Sergio Cortella

32 **Li, Gostei e Recomendo!**
Venício A. de Lima, jornalista, sociólogo, pesquisador e professor aposentado comenta o livro Ditadura Continuada, de Jakson Ferreira de Alencar

34 **Sala de Aula**
Eu me declaro criança,
por Ana Cristina Macedo Geiger de Melo e Marta Vitalina Santos, de Brasília (DF).

36 **Páginas Abertas Indica**
Estudos acadêmicos de sociologia e história, infantojuvenis, psicologia, imagem e comunicação estão entre os destaques de leitura..

38 **Crônica**
Estudar dá trabalho
por Douglas Tufano

Encarte **Especial Formação de Professor**
Nesta edição, apresentamos o livro de Vanildo de Paiva, *Águia Sonhadora*. Organizado e elaborado por Beatriz Tavares de Souza, o encarte especial mostra que a busca da felicidade não é estranha às crianças. Quanto mais cedo elas compreenderem como a felicidade não depende de fatores externos e sim de amor próprio, mais preparadas estarão para os desafios da vida.

Páginas Abertas

Ano 39 – nº 60 – 2014
Outubro - Novembro - Dezembro
ISSN 1414-4638

Diretor Presidente
Valdir José de Castro

Diretor-geral
Paulo Bazaglia

Diretor de Difusão
Zulmiro Caon

Diretor de Produção
Evandro Antônio Mazzutti

Diretor de Redação
José Dias Goulart MTB 20.698

Conselho Editorial
Tom Viana, Dílvia Ludvichak e Marcelo Balbino

Arte
Jorge D' Andrade Júnior

Reportagem e Edição de Texto
Marcelo Balbino

Revisão
Renata Alvetti Benevolo

Colaboradores
Alexandre Carvalho; Ana Cristina Macedo Geiger de Melo; Antonio Iraildo; Beatriz Tavares de Souza; Douglas Tufano; Maria Cristina Carvalho; Maria Teresa Sauer; Mario Sergio Cortella; Marta Vitalina Santos; Nilcemar Nogueira e Venício A. de Lima.

Redação
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091
São Paulo – Tel.: 11 5087-3742
FAX: 11 5579-3627
paginasabertas@paulus.com.br

Atendimento ao Leitor
Tel.: (11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br
A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas desta obra e sua editoração.
Entre em contato conosco caso queira citar algum artigo.

A assinatura da revista PÁGINAS ABERTAS é gratuita. Para mais informações, ligue: (11) 3789-4000

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.

paulus.com.br

100 ANOS
PAULUS

Novos tempos na educação

Talvez você já tenha ouvido falar daquela sensação de que o tempo está passando cada vez mais rápido. Sinais de tempos modernos? Muitas mais atividades para fazer e compartilhar? De qualquer forma mais um ano se acaba e a nossa missão em promover o diálogo sobre educação sempre continua e ganha mais importância a cada dia. Se os próximos anos serão melhores ou não para o sistema de aprendizagem ainda não sabemos, mas diferentes, com certeza!

E por falar em tempo e em futuro, nossa matéria de capa enfoca um tema de amplo estudo e discussão na atualidade: os jogos e a escola. Assunto que mesmo os jovens que nem trabalham e nem estudam, a chamada geração "nem-nem", aproveita para transformar o ócio em negócio. Para tratar do tema conversamos com o professor Gilson Schwartz, referência na questão e autor do livro *Brinco, logo aprendo*. Também acrescentamos algumas experiências de escolas brasileiras que já utilizam jogos para aprender brincando ou vice-versa.

Aproveitamos ainda para prolongar o assunto dos jogos com o professor Leandro Yanaze, pesquisador do tema tecno-pedagogia, que comenta sobre as recentes tecnologias que nos alteram e amplificam e que sugerem ganhos no sistema de aprendizagem.

Ainda brindando o conhecimento, a coluna de cultura traz um passeio pelo museu de Ciências da PUC-RS. Com atendimento especializado aos professores, o local oferece visitas por coleções científicas, de animais, eletricidade, medicina forense, entre inúmeras atrações.

Também aproveitamos para relembrar, já com saudades, de alguns escritores que partiram neste ano, mas que por meio da literatura e das artes tornaram-se imortais. Rubem Alves, que foi colaborador de Páginas Abertas, João Ubaldo Ribeiro e Ariano Suassuna foram homenageados por três professores.

Outro tema não menos importante é a saúde, que aborda a síndrome de burnout, também conhecida como a doença do esgotamento físico e que tem grande incidência no final do ano letivo.

Desta forma celebramos mais um ano de muito trabalho, novidades, esforço e alegria.

Desde já desejamos a todos um ótimo Natal e um 2015 repleto de paz, fé esperança e muito conhecimento.

Uma ótima leitura e até breve!

Equipe Páginas Abertas

TECNOLOGIA
a serviço da escola

Doutorando em Sistemas de Computação pela Escola Politécnica, mestre em Ciências da Comunicação, todos pela Universidade de São Paulo (USP). Também é pesquisador, conferencista, autor de livros e professor da Universidade Metodista de São Paulo (SBC). Este é o currículo do nosso entrevistado desta edição, Leandro Yanaze. Sua pesquisa consiste principalmente em Comunicação e a Educação no contexto digital. A questão está cada vez mais em pauta, enquanto são discutidos modelos modernos de educação, que incorporem as novas tecnologias como instrumentos de ensino. Acompanhe, a seguir, a entrevista com o professor Leandro e conheça um pouco mais sobre o termo tecno-pedagogia.

Divulgação

Qual é a sua formação e o ramo de atividade atual?

Sou formado em arquitetura e urbanismo pela FAU-USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP), mas nunca exerci a arquitetura oficialmente. Logo após a faculdade, fiz minha especialização em Teorias e Práticas da Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero e, então ingressei no mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação pela ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da USP); e hoje estou concluindo o doutorado em Sistemas Eletrônicos pelo Departamento de Engenharia Elétrica da POLI-USP (Escola Politécnica da USP). Atuo profissionalmente como professor universitário, pesquisador e consultor de empresas.

Como o Sr. começou a lecionar? Em que momento ocorreu essa transição de aluno para professor e como foi esse processo?

Meus pais são professores universitários. Sempre convivi neste contexto e a minha transição para a docência aconteceu naturalmente após a conclusão do mestrado, a partir de oportunidades para dar palestras e ministrar cursos de pós-graduação (módulos mais curtos) até ser contratado. O fato é que na docência não existe uma divisória clara entre ser professor e aluno,

pois se aprende muito no preparo de uma aula e, principalmente, no contato com os alunos.

Como o Sr. analisa o papel do professor na sociedade atual?

O fato é que o professor é um facilitador do processo de aprendizagem dos alunos, e não detentor de todo o conhecimento. Mais do que seguir uma cartilha preestabelecida para incentivar (ou aterrorizar por meio da nota baixa da prova), o professor tem carga de experiência e abrangência de visão de mundo, que deve ser usada para ajudar o aluno a dar seus passos no desenvolvimento dos seus próprios conhecimentos, habilidades e atitudes. Ou seja, suas competências. Hoje, em que praticamente toda a informação está disponível através das redes digitais, o professor deve ajudar o aluno a desenvolver seu senso crítico para filtrar as melhores fontes e conectar saberes com práticas socialmente saudáveis.

Em sua visão, qual é o grande mérito e o desafio em ser professor na atualidade?

O mérito está em ser, mais do que um profissional da educação, um missionário, incentivando a aprendizagem ativa do aluno. O desafio é ser esse incentivador em um contexto onde nem sempre se tem o incentivo necessário vindo da estrutura educacional do país.

Quais são, hoje, as principais formas de relacionamento entre tecnologia e ensino?

Tecnologia e aprendizagem são indissociáveis. Seja pela fala do professor, o livro, a escrita, o alfabeto, a arte, o vídeo, o site, game ou qualquer outro objeto de aprendizagem, o conhecimento é estabelecido através da tangibilização de conceitos e ideias que são possíveis somente de maneira tecnológica. Dessa forma, não é possível identificar formas de relacionamento. A meu ver, o processo de aprendizagem é essencialmente tecnológico e a tecnologia, em si, é o contexto da aprendizagem, expansão e conexão.

Como podemos definir o termo tecno-pedagogia?

O termo tecno-pedagogia é a tentativa, em evolução, de resumir em uma só palavra o entendimento de que vivemos e aprendemos de maneira dialogicamente tecnológica. Ou seja, nós temos a noção de que desenvolvemos tecnologias... mas percebemos o quanto elas nos desenvolvem, nos modificam, nos amplificam, nos alteram?

De forma geral, os processos tecnológicos já estão presentes na escola ou gestão escolar da maioria das escolas? Ou devem ser implantados?

Se considerarmos o sentido amplo de tecnologia, obviamente ela está presente em todo nosso contexto. Por exemplo, a fala, as salas de aula, o livro, a lousa, o lápis... são todos elementos tecnológicos que fazem parte do processo educacional nas escolas. Mas entendendo que a questão foca nas tecnologias digitais, penso que existe um longo e demorado caminho a perseguir, se almejarmos ter, a médio e longo prazo, uma sociedade protagonista na inovação.

Existe algum modelo ideal de ensino para formar estudantes mais engajados nos processos tecnológicos? E os professores?

Existem algumas propostas em diversos centros de pesquisa, que tentam propor um modelo de experiência do desenvolvimento de conhecimento, habilidades e atitudes; voltados para a inovação tecnológica. Notadamente, as abordagens de aprendizagem ativas com a integração da fabricação digital incentivam que o aluno tenha percepção do seu contexto e reflita em como resolver problemas e desafios de maneira tecnológica, desenvolvendo suas competências. As co-

nhecidas FabLab@School (o modelo FabLab é desenvolvido pelo MIT e o seu alinhamento para as escolas de Ensino Fundamental e Médio, o "@ School", é aprimorado em Stanford), pesquisam o impacto do conceito de fabricação digital na estrutura do ensino e aprendizagem contemporânea.

A tecnologia é um tema transversal que deve envolver todas as disciplinas escolares ou está restrita a alguns setores?

Como já explorado anteriormente, creio que a tecnologia tem uma abrangência associada a todos os campos do conhecimento sendo, exatamente, essencial para conectar saberes. Diversos jogos digitais se baseiam em momentos da história. O Google Earth pode ser considerado uma evolução natural do atlas. E por aí vai...

Os professores de Ensino Fundamental e Médio estão preparados para lidarem com a tecno-pedagogia? Em que momento escolar, seria ideal abordá-la? E de que forma?

Nunca estaremos tão preparados quanto os nativos digitais na intimidade natural das linguagens tecnológicas. Em termos de afinidade com a tecnologia, os professores precisam ser flexíveis e abertos para aprender com os alunos. Cabe ao professor aproveitar essa intimidade tecnológica do aluno, aliando ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades. Existem indícios em pesquisas de ponta, mostrando que há melhor desempenho no aluno engajado e motivado em aprender; e que essa motivação pode ser aprimorada pelo incentivo do emprego de tecnologias. Então, estar preparado para assimilar uma proposta tecno-pedagógica, mais do que ter conhecimentos e habilidades em tecnologias, exige do professor atitude aberta e incentivadora; para que o aluno desenvolva suas competências em sinergia com as tecnologias. Para isso, não existe momento certo, há oportunidade em todas as fases da vida.

Como o professor pode se atualizar ou se reciclar, para produzir e manter um ensino engajado com a tecnologia?

Defendo a ideia de que a melhor forma de aprender e assimilar as linguagens tecnológicas digitais é convivendo com as novas gerações, e incentivando que levem à sala de aula a sua expressividade tecnológica. Entendo que a melhor forma de estar alinhado às tecnologias é permitir e incentivar que os alunos se expressem tecnologicamente. Sempre será necessário ter a reflexão, intervenção e interpretação do professor, para auxiliar o aluno em seu processo de aprendizagem. Mas podemos aprender muito com eles.

Na sua visão, qual é a importância da escola trabalhar com a tecno-pedagogia?

Na verdade, a tecno-pedagogia é só um conceito que aprofunda a reflexão sobre a relação do aluno e seu contexto tecnológico já existente. Se a escola ignorar que existe tal contexto, existe o risco de se tornar menos relevante (pensando em preparar o aluno para a sociedade) e até menos atrativa (já que permanecerá com uma postura retrógrada). Portanto, a tecno-pedagogia simplesmente permite refletir uma integração mais eficiente entre a educação formal, o aluno e o seu contexto social, estruturado pelas tecnologias.

É possível que o modelo de aula com lousa e giz deixe de existir nos próximos anos? Ou conviva com novos modelos tecnológicos?

Em termos históricos, existem tecnologias que são substituídas e outras

adquiriram novos significados. Uma tecnologia recentemente substituída é o telefax, frente aos e-mails. A televisão, por outro lado, adquiriu novo significado. Ganhou componentes de interatividade, de escolha por pay-per-view, mas não deixou de existir. No caso da lousa e giz, sempre será necessário ter uma plataforma de interação em tempo real e colaborativa. Seja um tablet por aluno, holografia ou se continuará sendo a lousa, o importante é ter uma plataforma de interação e não só interface de transição entre o livro ou as anotações dos professores e o caderno dos alunos. A linguagem tecnológica dos alunos é de interação, likes, follows, cutucadas. E a lousa pode apoiar esta linguagem... é só dar um pedaço de giz para cada aluno.

Qual seria a principal dificuldade, em sua visão, para a mudança nos modelos tradicionais de ensino?

Algumas pesquisas apontam que, para a assimilação de uma nova tecnologia no processo formal de educação, é necessário reservar mais de 90% dos recursos para a preparação do professor. Não adianta ter um computador na sala de aula se os instrutores não souberem aproveitá-lo, para estimular os alunos a desenvolverem suas competências. Não digo que o professor deva ter domínio completo da tecnologia; mas deve saber como estimular o aluno a se expressar e a desenvolver os conhecimentos e habilidades. No contexto brasileiro, pensando amplamente na estrutura educacional, se já é difícil ter os 10% da estrutura tecnológica, imagina a dificuldade para conseguir os demais 90% do aprimoramento docente?

É preciso investir mais nas pessoas ou nas máquinas? Como alterar algumas tradições que já estão enraizadas na sociedade?

Na minha opinião, por todos os argumentos já apresentados, o maior investimento tanto de preparação quanto de incentivo e reconhecimento deve ser nas pessoas, tanto professores quanto alunos. Estamos em uma sociedade viciada no conformismo, mas sempre há uma pequena esperança de que a educação se torne, de fato, prioridade nas políticas públicas. Estamos com uma nova chance, neste ano de eleição.

Quem mais se beneficia com a tecno-pedagogia? Escolas, alunos, professores?

Claro que o benefício é compartilhado com todas as instâncias. Mas, a médio prazo, entendo que o benefício será da sociedade como um todo. Alunos motivados a aprender e adquirir habilidades também desenvolvem atitudes proativas. Com isso, a tendência é ter uma sociedade mais voltada à inovação sendo alvejada para investimentos em um ciclo virtuoso de desenvolvimento. Parece um olhar ingênuo e distante. Mas sem objetivos claros, o único caminho certo é a inércia.

Qual seria o caminho inicial para uma escola ou professor que deseje incluir elementos tecnológicos para a aprendizagem?

O primeiro passo é identificar o contexto tecnológico dos alunos. Se Paulo Freire identificou o tijolo como parte do contexto de adultos com deficiência (ou ausência) na habilidade de ler e escrever, e a partir daí desenvolveu uma metodologia relevante

e eficiente de aprendizagem; hoje, o professor deve identificar se o aluno tem um celular (apesar de ainda ter seu uso proibido na sala de aula), está nas mídias sociais, joga em rede, etc. A partir daí, deve refletir em como este contexto tecnológico pode ser explorado para que o aluno, em sua expressividade tecnológica, seja incentivado a desenvolver mais conhecimento e habilidades em uma atitude proativa de aprendizagem.

Quais modelos de sucesso que empregam o uso da tecnologia para o ensino podem ser citados, como exemplos a serem seguidos?

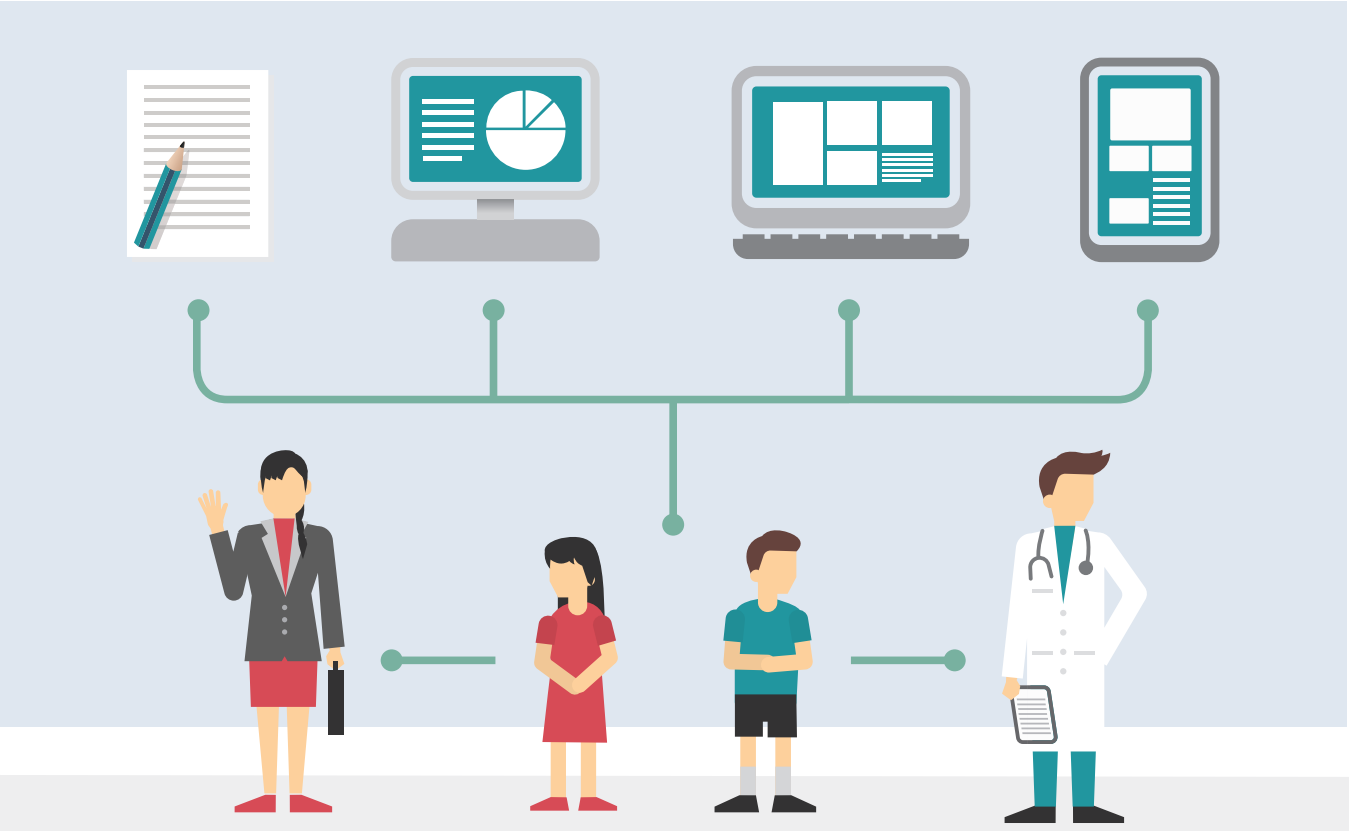
Já citei as FabLabs@School (www.fablabatschool.org) como exemplo de emprego tecnológico sofisticado na educação formal. No caso brasileiro, é possível identificar diversos exemplos de assimilação tecnológica no processo de ensino e aprendizagem notadamente em feiras de ciências. Destaco a FEBRACE (www.febrace.org.br) como uma das principais feiras de alunos do Ensino Fundamental, Médio e Técnico como oportunidade de ver jovens do Brasil inteiro mostrando pesquisas que aliam tecnologia (nos diversos níveis) com aprendizagem e atitude de pesquisa profunda.

Existem livros, sites, blogs ou fontes de informação que o Sr. indicaria aos professores como ferramenta de ensino para o tema da tecno-pedagogia?

Literalmente com o termo "tecno-pedagogia", como resultado da minha pesquisa de mestrado, escrevi o livro "Tecno-pedagogia: os games na formação dos nativos digitais" (editora Annablume), que analisa os jogos digitais como parte inerente da formação dos nativos digitais. Se o conteúdo não interessar, as referências bibliográficas estão recheadas de obras altamente significativas sobre a temática. Recomendo acompanhar blogs de tecnologia e de pensadores como Pierre Lévy.

Como anda o seu trabalho atualmente, quais livros publicou ou está preparando e quais os projetos futuros?

Estou em fase de término da minha pesquisa de doutorado, que explora justamente os ambientes tecno-pedagógicos. Tenho o livro já citado e estou planejando começar uma pesquisa prática de como integrar tecnologias de realidade aumentada e virtual na formação infantil, interagindo livros e tablets em uma nova experiência de leitura, diversão e criatividade.



APRENDENDO brincando

OU VICE-VERSA

Mesmo quem nem trabalha e nem estuda, a chamada geração nem-nem, ocupa-se na Internet, em um negócio chamado games

Cada vez mais os jogos são a principal ocupação tanto dos jovens como de boa parte da população em geral. Por isso as novas tecnologias criaram um paradigma que ocorre com a geração que não trabalha e nem estuda, mas que também não está ociosa. De acordo com o professor da Escola de Comunicação e Artes – ECA-USP, Gilson Schwartz, criador do projeto cidade do conhecimento (www.cidade.usp.br) o próprio estudar pode virar um game. "Mesmo que a pessoa não esteja estudando ou trabalhando, ela interage com o sistema de informação e sistema virtual e, portanto, está desenvolvendo habilidades e competências e, em última análise, poderíamos dizer que está 'estudando', treinando. Ou seja, é um ócio que ao mesmo tempo é um negócio", explica o professor Gilson.

Sobre o aprender e o brincar, o professor Gilson explica que as próprias cidades se organizaram para isso ao longo do século. Historicamente as crianças foram colocadas em locais separados de seus domicílios para aprenderem, em lugares preparados para esta tarefa. Esses diferentes espaços também se relacionavam a certa tecnologia, de armazenamento e transmissão de conhecimento, entre salas de aula, biblioteca, museus, arquivos, e muitos outros. Dessa forma existe toda uma arquitetura e a organização do espaço e do tempo, juntamente com meios tecnológicos, para fazer funcionar aquele tipo de desenvolvimento, transmissão do conhecimento, com ênfase para a chamada educação formal.

A chegada das novas tecnologias provoca alterações radicais nos sistemas de aprendizagem. "A Internet é a evolução tecnológica por onde passa e acontece a comunicação e neste processo ocorreram duas grandes mudanças: o espaço e o meio. Ou seja, o espaço de estudo e do lazer passa a ser o mesmo lugar: o computador. A partir daí existe uma mudança radical na relação entre o ócio e a produção."

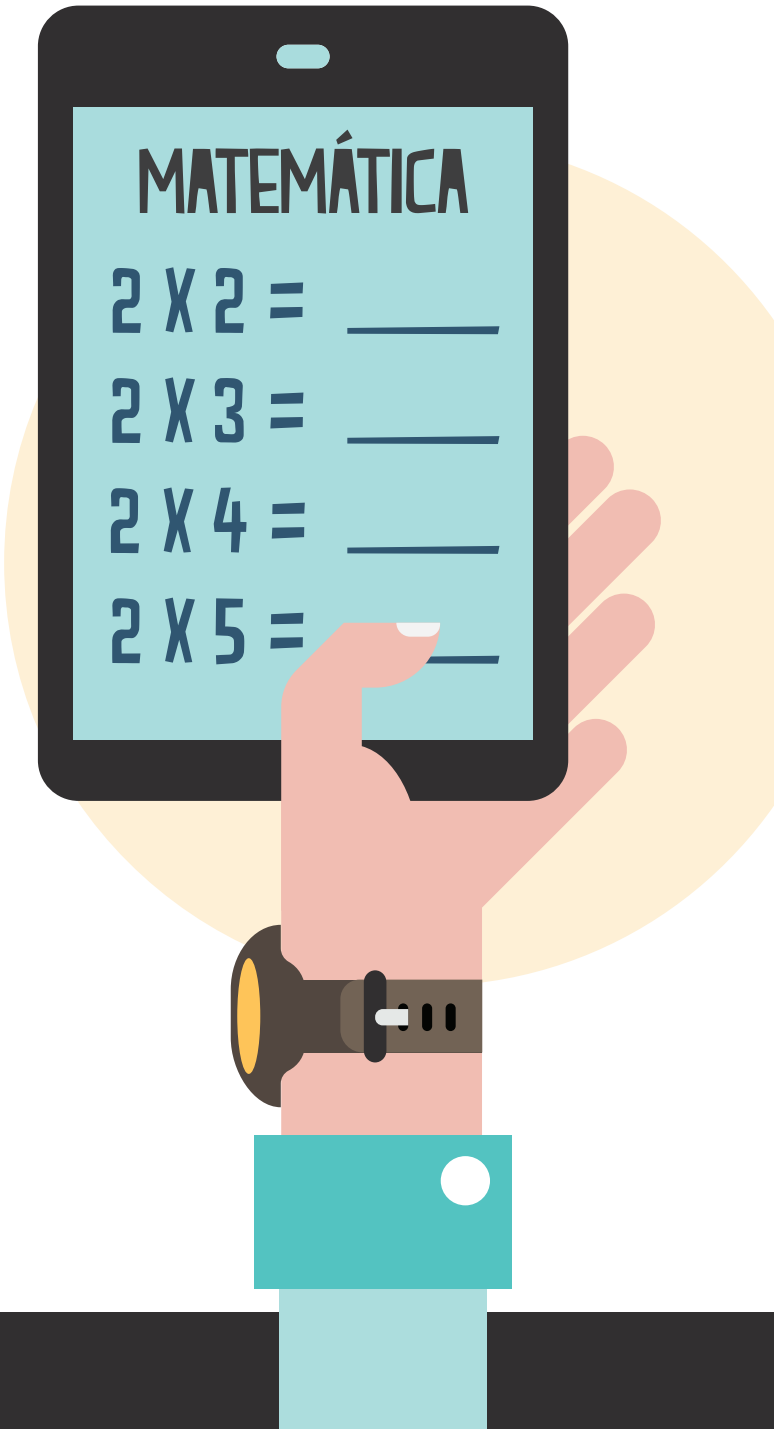
Definição de jogo

Autor do livro *Brinco, logo aprendo*, recém-lançado pela PAULUS Editora, o professor Gilson apresenta em sua obra várias definições sobre jogo, em muitas línguas. De forma geral, jogo pode ser considerado uma relação direta com a tecnologia, videogame das interfaces digitais que transforma a nossa interação em algo sempre filtrado, condicionado a estímulos e a parâmetros, inclusive satisfações que são planejadas e estão sempre disputando a nossa atenção. "O jogo é algo onde o que está em disputa é a atenção de cada um", lembra o professor Gilson.

Jogo, aprendizagem e professor

É inevitável que a tecnologia provoque mudanças em todo o sistema de ensino e no trabalho do professor, sobretudo porque o espaço e o meio foram modificados. Então um professor que usa o facebook, por exemplo, não precisa mais trabalhar na escola ou somente no horário que estaria em classe.

Os impactos da tecnologia ainda são muito recentes no ensino e aquecem a discussão do que seria positivo para as escolas, assim como o papel dos profissionais neste contexto que mistura a tecnologia com a pedagogia. "As fronteiras apagadas do espaço e tempo criam novos fluxos de maneira em que as tarefas do professor podem mudar completamente. Na prática todos os participantes do espaço escolar irão redefinir as suas funções utilizando o mesmo instrumento: computador e internet", destaca o professor Gilson.



PARA SABER MAIS

Neste cenário que envolve novas experiências pedagógicas a partir de tecnologias, a iniciativa da Games for change (www.gamesforchange.org no mundo e www.gamesforchange.org.br no Brasil) é uma das pioneiras no assunto. No site o professor encontra informações sobre jogos, agenda de eventos, concursos e muitas informações.

O site www.playludwig.com/pt-br/escolas apresenta as informações e contatos para a Cidade do Conhecimento e Games for Change diretamente para as escolas.

A rede Fazgame (www.fazgame.com.br) também colabora para que professores e alunos aprendam a desenvolver seus próprios games. Outra indicação é o www.conflitosglobais.com.br, uma premiada série de games para a educação.

EXPERIÊNCIAS DE ALGUMAS ESCOLAS COM *jogos e tecnologia*

Diante do mar de informações, instituições, metodologias, buscamos correr atrás de algumas experiências em escolas que realizam alguns projetos ou atividades que envolvam o brincar e o aprendizado na mesma via. Um tema amplo que ainda vai dar muito o que falar, aprender e brincar.

O Colégio Torricelli, que atua na educação infantil, ensino fundamental e médio em São Paulo (SP), trabalha com jogos em todas as suas turmas, principalmente nas séries iniciais. De acordo com Patrícia Vitorasso, do departamento de tecnologia educacional do colégio, o brincar é permanente e faz parte do processo de ensino e aprendizagem da escola. "O objetivo é que a aprendizagem seja significativa, prazerosa e cause entusiasmo," lembra ela.

A escola trabalha em parceria com o portal educacional e por meio dessa plataforma todos os alunos acessam conteúdos e jogos educacionais por meio de login e senha. As atividades que envolvam conteúdos digitais são desenvolvidas no laboratório de informática ou tablet. "Não podemos esquecer que nos diversos espaços disponíveis na escola acrescentamos o jogo no dia a dia da criança para uma aprendizagem mais descontraída, por isso, são trabalhados também os jogos simbólicos, jogos tradicionais, jogos em grupo e jogos com regras", conta Patrícia.

O colégio informa que os resultados são positivos, principalmente quando faz o uso da tecnologia. Em educação infantil, por exemplo, o jogo faz com que a criança organize o mundo à sua volta, vivencie experiências e descubra aptidões e possibilidades, construindo e inventando alternativas.

Nas turmas do 2º ano fundamental são utilizados jogos para a realização de operações matemáticas e alunos do 3º ano do ensino fundamental brincam de tabuadas. Já no ensino médio, os conteúdos da disciplina de física, por exemplo, ficam muito mais atrativos e de fácil compreensão com a utilização de simuladores.

Na visão dos professores, o brincar consolida aprendizagens adquiridas pelos estudantes e auxilia no equilíbrio emocional das crianças. O jogo desafia, estimula a reflexão, criatividade e a cooperação. "Acreditamos que as desvantagens ocorrem quando os jogos são mal utilizados. O mau uso do jogo causa a perda da ludicidade e destrói a essência do brincar", diz Patrícia.

Mais concentração em Fortaleza

O colégio professora Jemina Gois, de Educação Infantil, Fundamental e Médio de Fortaleza (CE) possui um projeto de matemática que envolve arte, números, leitura e escrita.

Divulgação

Nele, o conteúdo de matemática é abordado em outras disciplinas e voltado para arte, envolvendo material de sucata, entre outros. Os alunos conseguem aprendem dentro da sala de aula, no pátio, e mesmo em casa. Isso ocorre por meio do manuseio dos jogos confeccionados por eles ou adquiridos, tais como: material dourado, ábaco, jogo da velha, tabuadas confeccionadas com caixas de papelão, dados da multiplicação e dominó, envolvendo ortografia e as quatro operações matemáticas, além de cofres confeccionados por eles para aprender a usar dinheiro e também aprender a valorizá-los.

De acordo com a escola, as crianças no colégio que apresentam Déficit de Atenção (DA) ou Transtorno do Déficit

de Atenção com Hiperatividade (TDAH), conseguem ficar muito mais voltados para a aula e se concentram muito mais.

De acordo com a professora Jacinta Fátima Araújo é importante possibilitar às crianças a noção de que brincar não é apenas manusear objetos e jogos eletrônicos, e sim participar da construção do brinquedo para uma valorização maior do conteúdo ministrado e a posse de que se apropria do conhecimento brincando.

Mentes notáveis

O Colégio Lazi de educação Infantil, Fundamental e Médio de São Paulo (SP) possui o projeto chamado "Mentes Notáveis". A partir dele, de uma maneira lúdica e interativa, a educação digital é usada como ferramenta para completar o conteúdo com jogos envolvendo as disciplinas de Português e Matemática.

Os alunos utilizam tablets e netbooks para a realização das tarefas e as atividades não se restringem somente ao colégio, pois eles recebem também algumas missões para serem realizadas em casa, podendo os pais acompanharem tais tarefas.

Como resultados, os alunos buscam com facilidade resolver as questões propostas e o envolvimento e o resultado final são sempre positivos. Além disso, a escola relata que a alegria dos alunos é enorme e eles têm prazer em se envolver nas atividades. A partir do que é proposto, os alunos demonstram liderança e também valorizam o trabalho em grupo, com o envolvimento maior nos conteúdos aplicados, porque o mundo digital já está presente e faz parte da rotina dos alunos.

Estímulo, conteúdo e aprendizado

No Colégio Barão de Mauá – Mauá (SP), de Educação Infantil, Fundamental e Médio não existe um projeto específico, que contemple os jogos, mas na própria dinâmica das aulas, é inserida a utilização de recursos diferenciados para que o aprendizado seja mais efetivo e prazeroso.

Na prática, todas as disciplinas de qualquer nível podem fazer uso de recursos que auxiliem no processo de aprendizado do aluno. Por isso os professores utilizam: jogos (concretos ou virtuais), redes sociais, tablets, computadores, entre outros.

Como exemplo, nas aulas de Língua Portuguesa a professora utiliza vários jogos como de palavras, Racha Cuca, memória, ortografia e muitos outros.

Já nas aulas de matemática são realizados jogos, competições e internet para as questões de aritméticas e para as aulas de geometria a escola optou em usar o programa Geogebra, aplicativo de matemática dinâmica, que combina geomeria e álgebra, com distribuição livre, escrito na linguagem Java.

Em Geografia são utilizadas as lousas interativas para ilustrar e facilitar o estudo com mapas, assim como em educação infantil, quando o uso da lousa interativa também facilita no processo de alfabetização.

Para a escola, o resultado é um aprendizado mais rápido e significativo, que aumenta o interesse dos alunos pela disciplina, tornando-as mais prazerosas.

De acordo com os professores, os jogos e o uso da tecnologia são ferramentas que auxiliam na prática docente e contribuem para a formação dos alunos para uma sociedade mais competitiva. Isso ocorre dentro de uma realidade que faz parte do dia a dia do aluno.

A coordenação do colégio explica que com tantas novidades e a gama de informações que recebem pelas mídias e redes sociais, não só as crianças, mas os adultos diminuem a capacidade de absorção das informações, se não houver meios de elucidar esses conteúdos, de forma clara e objetiva. Diante disso, quanto mais o colégio recebe e implanta a inovação, os meios e recursos que estimulem o cérebro, mais rápida e eficiente acredita que será o aprendizado.

Alunos criam seus jogos

O Instituto de Ensino Portinari de Santo André, de Ensino Infantil e Fundamental enfatiza a premissa de que o aluno nasceu para aprender, para descobrir e para apropriar-se de todos os conhecimentos em todas as fases da vida. Para eles os estudantes estão sempre descobrindo e aprendendo coisas novas, por meio do contato com seus semelhantes e do meio em que vivem.

A escola propõe um projeto destinado ao Ensino Fundamental II, 8º Ano, alunos entre 12 a 13 anos de idade, na disciplina de Língua Portuguesa. Os jogos são utilizados para retomar o conteúdo do bimestre, com o objetivo de elucidar eventuais dúvidas.

A proposta pedagógica do Instituto inclui a criação do jogo, onde o aluno é incitado a aplicar seu conhecimento de mundo de forma global e interacional, por meio das descobertas e criatividades. Ou seja, ele pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade.

O trabalho é realizado em grupo. No primeiro momento, os componentes desenvolvem uma planta baixa do projeto e seus objetivos. Depois, sob a supervisão do professor, incrementam a proposta, em conformidade com as regras gramaticais estudadas.

No segundo momento, inicia-se a produção do jogo. O prazo para desenvolver o projeto varia de 2 a 3 semanas, para que dê tempo dos alunos jogarem, trocarem ideias, analisarem o grau de dificuldade de cada jogo e explicitarem se suas dúvidas foram sanadas ou não.

"Acreditamos que o ato de produzir para depois jogar, contribui para a melhoria do ensino, quer na qualificação ou formação critica. Percebemos que este processo permite que o aluno ensine e aprenda ao mesmo tempo", afirma a professora de Língua Portuguesa Sarah Ferreira Françoza.

Em seguida, todo o processo de produção e aplicação do jogo é avaliado pelo docente. Cumpridas todas as etapas, os discentes passam pelo processo avaliativo bimestral, onde podem comprovar o entendimento do conteúdo, e aplicar novas estratégias de acordo com o ponto de vista. Como encerramento do projeto, todos os jogos produzidos fazem parte da Amostra Cultural da escola.

"Podemos dizer que as vantagens estão focadas no aprendizado e na interação dos alunos. É gratificante ver o entusiasmo e a emoção de cada um em todo o processo. O projeto contribui para o desenvolvimento global do aluno desde sua inteligência, afetividade, motricidade e sociabilidade. Acreditamos que não há desvantagem", revela a professora Sarah.

Tecnologia e interatividade

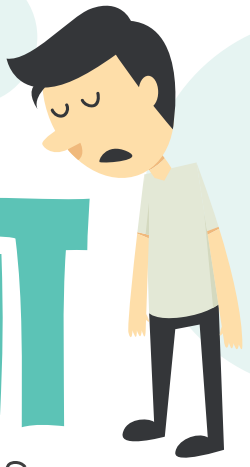
O Colégio Jean Piaget de Educação Infantil, Fundamental e Médio, de Ribeirão Pires (SP) trabalha com conteúdos digitais interativos disponíveis para computadores, lousas interativas e tablets. O arsenal é composto por mais de 1500 aulas, jogos e atividades, todos interligados com material apostilado. Os vídeos trazem personagens que acompanham os alunos em diversas disciplinas como Língua Portuguesa, Matemática e História.

Os jogos foram elaborados com o objetivo de proporcionar ao aluno e ao professor as práticas educacionais atrativas e dinâmicas que propiciam a sistematização de conteúdos e assuntos trabalhos em sala de aula. De acordo com a instituição são mais de 300 jogos para o Ensino Fundamental I e II, que ensinam de maneira divertida. O colégio enfatiza que um mundo de possibilidades é entregue ao docente de forma simples e organizada, como nos livros digitais, que oferecem um prazer especial ao ato de aprender e funcionam como facilitador do processo de aprender, com dinamismo e tecnologia.

A professora Luciana Santana, por exemplo, motivou os alunos para a criação de um jogo que utiliza o conceito de números positivos e negativos. A criação do projeto envolveu algumas etapas. Na primeira os alunos foram instigados a refletirem sobre a ampliação dos conjuntos numéricos, no sentido de verificar o que sabiam sobre o assunto. Em seguida foram questionados sobre o que extratos bancários mostram aos seus clientes, quando há uma dívida ou como jornais e revistas demonstram temperaturas abaixo de zero. Após colher as opiniões os estudantes construíram números inteiros. Depois os alunos trouxeram para a sala de aula algumas simulações de temperaturas, fusos horários, extratos bancários, incentivando os alunos a desenvolver situações problemas com os números negativos.

Depois das simulações, para que os alunos concretizassem a aprendizagem, eles brincaram com os jogos totalmente criados por eles. Os jogos poderiam abordar qualquer assunto paralelamente com a matemática. Deveriam conter um tabuleiro com dois dados (um positivo e um negativo), manual de instruções, embalagem e peças confeccionadas pelos alunos. Para avançar ou retroceder no jogo, faz-se necessário calcular. Os resultados foram muita alegria, diversão e aprendizagem.

síndrome DE BURNOUT



um mal presente entre os professores

Conhecida também como a doença do esgotamento físico, problema tem maior incidência no final do ano letivo

Final do ano. Calor, trânsito, provas para corrigir, planejamento, fechamento de notas e um milhão de coisas para fazer. É nessa hora que podem surgir alguns problemas de saúde, como a chamada síndrome de burn-out, conhecida também como síndrome do esgotamento profissional.

Por definição, a síndrome de burn-out provoca a chamada sensação de estar acabado, estafado e funciona como um tipo de resposta prolongada a fatores crônicos que estressam de forma emocional e pessoal o indivíduo.

Ao longo dos anos, o problema tem sido descrito como o resultado da vivência profissional em um contexto que apresenta relações sociais complexas, que envolvem a representação que a pessoa tem de si e dos outros. É o caso daquele trabalhador que antes era muito envolvido com seus clientes, pacientes, alunos, mas em um dado momento desgasta-se, desiste, perde a energia por completo.

A origem do termo

A palavra nasceu da língua inglesa e consiste na junção de duas palavras: *burn* (queimar) e *out* (fora). Traduzida ao pé da letra seria algo como queimar para fora, mas na verdade sugere algo como queimar por completo ou se consumir começando de dentro para fora. Por isso relacionam-se ao termo as características iniciais do quadro, a partir de aspectos psicológicos que evoluem para sensações físicas e, posteriormente, tomando por completo o desempenho do indivíduo.

Na verdade o termo já era uma espécie de gíria, utilizada nos anos 40 pelos profissionais da aviação na descrição de panes em motores e turbinas de avião. Mais tarde a palavra começou a ser utilizada também entre os profissionais de saúde, especialmente na descrição de usuários de drogas muito debilitados.

Anos mais tarde, em 1974, o psiquiatra Herbert Freudenberg, médico de origem alemã, radicado nos Estados Unidos, publicou artigo sobre o comportamento que observou entre os estudantes que supervisionava. Entre alunos do último ano e os residentes, o Dr. Freudenberg percebeu um quadro de grande esgotamento físico e profunda exaustão emocional.

Hoje a síndrome é encarada como uma doença que se relaciona ao trabalho, sendo classificada como Z73 no Código Internacional de Doenças (CID – 10).

Elementos e prejuízos da síndrome

Normalmente a síndrome do esgotamento profissional apresenta três elementos centrais. O primeiro deles é a exaustão emocional, percebida pelo esvaziamento afetivo e sentimentos que comprovam o desgaste emocional.

O segundo elemento se caracteriza por uma chamada despersonalização do indivíduo, que é quando demonstra insensibilidade, reação negativa, com

afastamento excessivo do público que deveria receber os seus serviços.

Em terceiro lugar, outro pilar descreve que a doença reside na diminuição do envolvimento pessoal no trabalho, por sentir-se menos competente e com menos chance de atingir o sucesso profissional.

Sobre os prejuízos causados pela doença, eles envolvem, sobretudo, atitudes e condutas negativas com relação aos usuários, clientes ou alunos, no caso dos professores. São perdas práticas e emocionais tanto para o trabalhador como para a empresa. Já um quadro comum de estresse, por exemplo, não envolve tais atitudes e condutas e fica restrito geralmente a um esgotamento pessoal que interfere na vida do indivíduo, mas não de modo direto na sua relação com o trabalho.

A síndrome de burnout pode ocorrer de forma isolada ou então progredir para uma associação entre outras doenças físicas, como o uso de álcool ou drogas, muitas vezes no sentido de obtenção de alívio, ou até mesmo para o suicídio.

Quem pode ser acometido?

Em termos gerais, a síndrome ocorre principalmente entre profissionais da área de serviços e pessoas que atuam em contato direto com os usuários, como os trabalhadores da educação, da saúde, policiais, assistentes sociais, agentes penitenciários, professores, entre outros.

Sinais e implicações

O quadro pode variar dependendo de cada caso, mas em geral professores portadores da síndrome desenvolvem um comportamento no qual:

- aparentam apatia em sua comunicação
- passam aos outros as suas responsabilidades
- demonstram dificuldade em exercer seu próprio papel
- tornam-se breves e superficiais em suas explicações na classe
- agravam o quadro tentando se medicar por conta própria
- não se preocupam com os cuidados pessoais
- enfraquecem seus contatos sociais
- mantém resistência às mudanças
- não aceitam ajuda
- evitam o contato visual
- fogem dos estudantes
- utilizam palavras depreciativas
- não se preocupam com o lazer

Também são descritos alguns quadros que podem colaborar com o surgimento da síndrome, como as chamadas reestruturações produtivas empresariais. Com elas ocorrem as transformações organizacionais, falta de substitutos para reposição de trabalho, dispensas temporárias, enxugamentos, entre outros. Alguns fatores de insegurança social e econômica, ameaças de mudanças compulsórias na jornada de trabalho também compõem ocorrências que elevam o risco do surgimento da síndrome de burnout.

Tais condições vinculam-se aos fatores que influenciam o estado de saúde e que podem se tornar riscos potenciais. De forma abrangente as causas se relacionam mais com o trabalho em si do que com fatores pessoais, sendo que a pré-disposição para síndrome pode nascer de uma perda de controle ou autonomia, ausência de suporte social, papel conflitante, entre outros.

Como tratar ou prevenir?

Um conjunto de procedimentos permeia o tratamento da síndrome do esgotamento profissional. Entre eles estão a psicoterapia, intervenções psicossociais e tratamento farmacológico, mas tudo depende da especificidade e gravidade de cada caso.

Os fatores de prevenção da doença normalmente envolvem mudanças na cultura da organização do trabalho, assim como diminuição da intensidade do mesmo e da competividade. Tais medidas são caracterizadas por ações integradas, relacionadas com setores assistenciais e de vigilância e o paciente deve ser acompanhado por uma equipe multiprofissional, de abordagem multidisciplinar.

Para não perder a MEMÓRIA

D. Zica 100 anos

Fundado em 2001, o Centro Cultural Cartola, foi responsável pela inscrição do samba carioca no programa de reconhecimento de bens imateriais como Patrimônio Cultural do Brasil. Esse trabalho contou com o apoio de sambistas, historiadores e agremiações carnavalescas e suas representações, resultando no projeto Memória das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro. Criou-se, assim, um programa para resgatar a memória coletiva do samba do Rio de Janeiro, a partir da preocupação com as perdas de valores essenciais de uma das principais referências culturais da nossa cidade, uma tradição permanentemente reelaborada, que apresenta ainda mudanças no processo de transmissão, e pela necessidade de se fazer conhecer a principal referência cultural do Rio de Janeiro.

As ações educacionais praticadas pelo Centro Cultural Cartola são fruto da reflexão sobre o papel das instituições de memória na contemporaneidade. Mais do que apresentar o visível ou produzir conhecimento, por visitas guiadas ou mediadas, tais ações visam promover sentimentos, fazer conhecer o passado para entender o presente e, acima de tudo, despertar desejos, provocar mudanças nos indivíduos, atuando de forma positiva na transformação das sociedades.

Fazer circular em escolas públicas, a exposição Para Não Perder a Memória Dona Zica 100 anos, uma parceria com a Petrobras, é sem dúvida um exercício de cidadania de protagonismo social, com o Brasil real contando sua história apresentando a cultura popular, comemorando ainda o centenário de uma grande personalidade feminina do nosso país - Dona Zica da Mangueira.

Este projeto, além de fazer circular uma exposição com a história do samba, mostra a cara do Brasil. A sua gente, levando em consideração nossa produção simbólica, nossa memória afetiva, proporcionando vivência, troca de saberes. Permitindo construção de múltiplos significados aos indivíduos e fazendo despertar o interesse pelo nosso patrimônio cultural valorizando nossa identidade. O Projeto cultiva conhecimento, inclusão social e eleva a autoestima do povo negro brasileiro, pela apresentação de uma história não contada pela historiografia oficial. Apresenta a contribuição do negro no processo civilizatório e na construção da identidade brasileira.

Das damas do samba aos bambas escritores

A exposição "Para Não Perder a Memória – D. Zica 100 anos" apresenta aos alunos fotos que contam a história do samba, das origens aos dias atuais. Durante as duas semanas em que permanecerá em cada unidade educacional, a exposição terá também uma parte interativa. Os estudantes irão participar de conversas e workshops com grandes sambistas.

A mostra destaca ainda a importância das mulheres em todas as fases da história do samba, o gênero artístico-musical mais tipicamente carioca, marca da identidade nacional e patrimônio histórico e cultural brasileiro. Esse destaque é um ótimo motivo para celebrarmos mais um aspecto de grande valor no samba, parte de nossa sempre atual herança cultural negra africana: o respeito à figura da mulher. A exposição pretende ser uma espécie de complementação de currículo do ensino formal, estimulando a produção cultural e a documentação do gênero. Ao todo, mais de cinco mil alunos, com idade entre 9 e 17 anos, estão tendo acesso à programação.

*Nilcemar Nogueira é Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra em Bens Culturais e Projetos Sociais, formada pela Fundação Getulio Vargas. Coordenadora de projetos do Centro Cultural Cartola.

E PAPAI NOEL: vem ou não vem?

Divulgação

– Mãe, será que Papai Noel vai passar por aqui este ano? – perguntou Helena com o olhar que mistura tristeza, ansiedade e dúvida. Ao se dirigir à mãe, Helena não tirou os olhos de sua boneca, já um tanto velha, mas tão querida.

- Ah, minha filha, o que eu posso dizer... – Lenita sabia que a filha era muito madura e responsável para a idade que tinha: cinco anos. Noutras ocasiões do ano, a menina se comportava de maneira bastante silenciosa, até mesmo em seu aniversário, mas no Natal era diferente.

- Ora, mamãe, – continuou a menina com olhos voltados para a boneca – basta dizer a verdade. Ele vem ou não vem?

- E o que você pediu para o Papai Noel? Você ainda não me disse. Posso saber o que você quer que ele traga?

- Acho que não, mamãe. Eu já escrevi uma carta pra ele. Todas as crianças da minha turma escreveram uma carta. Eu fico pensando: será que ele vai conseguir ler todas as cartas e atender tantos pedidos?

- Eu acho que sim, Helena. Afinal, ele é o Papai Noel!

- Mas ele sabe ler a nossa língua? Pois no ano passado ele não passou por aqui, mamãe.

Lenita ficou calada, um nó na garganta se formou e seus olhos ganharam um brilho que refletia tristeza e impotência. Ela se virou de costas para a filha, limpou a garganta e se dirigiu à pia.

- Mamãe – insistiu a menina –, Papai Noel sabe ler português?

- Claro, minha filha, sabe sim.

- Então, mamãe, eu acho que ele não veio aqui no Natal do ano passado porque é muito calor. A senhora não acha? Aquela roupa vermelha que ele usa deve esquentar muito!

- Ora, Helena, ele não tem problemas com aquela roupa. Ele já está mais do que acostumado com ela.

- Ah, mamãe, então ele não achou o nosso endereço. A senhora acha que Papai Noel acharia nossa casa que só tem dois cômodos e fica nos fundos de tantas casas, numa rua que não tem nome certo e não tem número?

- Helena, minha filha, o que você tem hoje? Tantas perguntas? Claro que Papai Noel sabe onde você mora. Ele sabe onde todas as crianças moram.

- Então, eu acho que ele não veio porque eu não tenho pai. Só tenho mãe. Uma mãe que amo muito, mas não tenho pai. A senhora não acha? As crianças que têm papai são visitadas por Papai Noel, não são?

Lenita não respondeu a filha. Meio às pressas foi para o banheiro. Precisava ficar sozinha e se recompor. Helena continuou junto à mesa com a boneca entre as mãos. Ela não se incomodou com a ausência momentânea da mãe.

Na manhã seguinte, Lenita se preparava para ir trabalhar. A filha ainda dormia. Ela iria para a escola mais tarde, sob os cuidados da vizinha. Ao dar o beijo de despedida na pequena, viu a tão importante carta para Papai Noel. Lenita hesitou, mas tomou-a e começou a lê-la. Helena não pedia nada para si. Lenita ficou emocionada.

"Querido Papai Noel, se o senhor puder, na noite de Natal, venha jantar comigo e a mamãe. Ela cozinha muito bem e ficaria muito feliz se o senhor viesse (e eu também). Quem sabe nesse dia, mamãe voltasse a sorrir de verdade. Esse seria meu maior presente. Beijos. Leninha."

*Alexandre Carvalho é coordenador do editorial infantojuvenil da PAULUS. E-mail: infantojuvenil@paulus.com.br

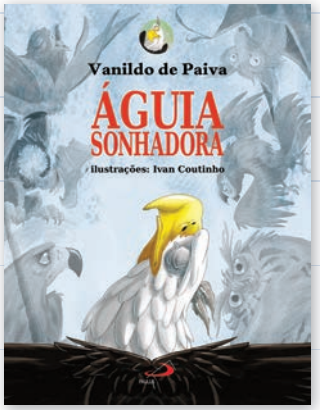
Especial
Formação de
PROFESSOR

ÁGUIA SONHADORA

Encarte da revista
Páginas Abertas

Edição 60

100 ANOS
PAULUS



Título: Águia sonhadora
Autor: Vanildo de Paiva
Ilustrações: Ivan Coutinho
Formato: 21 cm x 27,5 cm
Número de páginas: 24

*Beatriz Tavares de Souza é mestre em Linguística Aplicada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Tem licenciatura plena em Língua Portuguesa e é bacharel em Língua Espanhola, também pela PUC-SP.

Apresentação

O livro narra a história de uma águia inquieta para alçar o primeiro voo; ainda criança, sai pela floresta em busca da felicidade. Depois de ter vivido tantas experiências, um dia entendeu que a felicidade pode estar bem do seu lado ou dentro de si mesma.

Justificativa

A obra é rica em ensinamentos, em reflexões sobre a vida, o mundo e o que somos. O tema aborda a relação entre indivíduo, sonho e realidade.

Projeto Pedagógico

Como descobrir o segredo da felicidade.

Temas Secundários

Liberdade, meio ambiente, vida, objetivo, realizações.

Temas Transversais

Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Meio Ambiente.

Indicação

Ciclo 1: indicado para alunos do primeiro ao segundo ano.

Áreas de Conhecimento

Ciências Naturais, Psicologia, Filosofia, História, Geografia.

Objetivos

Levar o aluno a ler e atribuir sentidos ao texto; propiciar atividades articulando o interesse pela descoberta das coisas importantes da vida. Questionar e levar o entendimento sobre o que é e como encontrar a felicidade.

Propostas de atividades

Antes da leitura

Para desenvolver as atividades, sugerimos buscar os conhecimentos acumulados dos alunos sobre a relação do homem com a vida, com o mundo. Lance algumas perguntas para serem oralmente respondidas, como estas lançadas pela obra: quem sou eu? Para que estou no mundo? Qual o sentido da minha vida?

Iniciando a leitura

1. Mostrar o livro aos alunos procurando destacar e escrever no quadro o título, o nome do autor, do ilustrador, e da editora que o publicou.

2. Desenvolver estratégias de leitura, primeiro silenciosa; a lápis, sublinhar de leve as palavras que por acaso não consigam entender o significado.

Sugestões para atividades:

Organizar os alunos em grupos. Estimule-os a se expressar, trocar ideias; fazer suas interpretações; descobrir os significados de frases e palavras. Pergunte:

1. Qual a sua opinião sobre o livro?

2. A história faz relação com a realidade do nosso dia a dia?

Lendo imagens

Para desenvolver a percepção e a oralidade, sugerimos propor aos alunos um mapeamento das ilustrações, provoque-os com perguntas sobre significados das imagens, cores, linhas e formas.

1. Nestas imagens, extraídas do livro, pág. 13, o que a ave desperta em você? Uma ave triste? Alegre?

2. Agora, repare na expressão do Pepê e do Vado reproduzida nesta ilustração, pág. 19. Perguntas: as imagens fazem referência a qual parágrafo do texto? O que aconteceu nesse trecho da história? E você, também choraria, se um amigo viesse chorando contar um momento triste da sua vida? Faça um breve comentário.

3. Aponte em que parte do corpo desenhado nas figuras ressalta o que pode estar expressando tanto a alegria do pássaro, quanto a tristeza do Pepê e do Vado.

Após os alunos explorarem atentamente as páginas, solicite-lhes escolher uma ou duas ilustrações e pergunte: qual seria a intenção do ilustrador em produzir essas imagens? O que elas representam para você?

Exercitando a gramática

1. Procure o significado das palavras: **inquieta**; **esguias**; **copas**; **alçar**; **profetizar**; **cume**; **aconchego**; **macabro**; **abutre**; **algazarra**; **indefeso**; **atordoado**; **decifrar**; **aconchegar**. Mas, primeiro busque o sentido por meio do texto, para depois recorrer ao dicionário.

2. Complete:

a. A pessoa que não é tímida é considerada _____ (extrovertida / quieta)

b. A coruja que não dorme durante o dia, prefere dormir durante _____ (a tarde / a noite).

c. Hoje, vi um pássaro preso infeliz e outro voando _____ a cantar. (feliz / chorar).

3. Reescreva frases com palavras diferentes, com o mesmo sentido.

a. “Mas, na verdade, o que é ser feliz?”, perguntava-se. (indagava-se, questionava-se).

_____.

b. Pepê escutou o canto melodioso de um pássaro. (ouviu, percebeu).

_____.

c. Pepê lembrou-se, então, de dona Didi e de seu lar... (recordou-se, imaginou).

_____.

4. Separe as sílabas:

Compreender _____

Nasci _____

Encontrar _____

5. Escolha a alternativa correta:

a. Por que foi usado o sinal **!** na frase?

- Puxa! Como você é interessante! Fala coisas tão bonitas!

- ☐ A frase expressa admiração
- ☐ Trata-se de uma pergunta
- ☐ É uma afirmação

b. Que sinais de pontuação foram utilizados nesta indagação?

- Por que você não está voando? Não é uma águia, como eu? Pensa encontrar sua felicidade rastejando-se pelo chão?

- ☐ Sinal de exclamação e ponto final
- ☐ Vírgula e sinal de exclamação
- ☐ Ponto de interrogação e vírgula

c. Onde está o verbo? Grife:

"Nasci nas montanhas, algumas luas antes de você... Também não sei muito sobre a vida, mas vivo intensamente o pouco que sei. Afinal, ela é tão breve!".

Analisando a história

Incentive os alunos a se manifestarem sobre o livro. Pergunte:

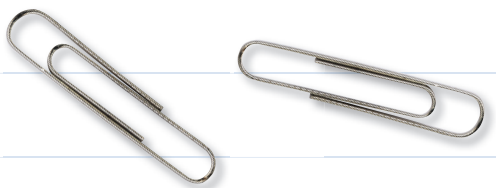
a. Qual o assunto principal abordado?

b. Houve algum trecho que você não entendeu?

c. Quem é o personagem central?

d. E quais os personagens secundários?

e. Em qual lugar desenvolveu essa história?



Compreensão / interpretação de leitura

1. Faça uma releitura do conto e responda:

a. Como e que espécie de ave era Pepê? _____

b. Você pode desenhar no caderno como era o lugar onde Pepê nasceu? _____

c. Você se recorda do nome da mãe do Pepê? _____

d. Conforme Pepê ia crescendo, de qual sonho ele se alimentava? _____

e. Por qual motivo Pepê saiu pela floresta? _____

2. Pepê percebeu que a floresta, além de ser bem maior do que ele pensava, também era muito misteriosa. Pois bem:

a. Quem logo de cara Pepê conheceu? _____

b. Agora pense, você sabe explicar o significado da presença de um abutre e o que essa espécie de ave pode estar aguardando? _____

c. O que o abutre sugeriu ao Pepê? E o que Pepê respondeu ao abutre? _____

_____

_____

d. Você também concorda com Pepê, que viver é muito mais do que aguardar a morte? Por quê? _____

_____

_____

3. Em outro trecho, página 8, repare o que diz no diálogo entre Pepê e a arara: "(...) Você quase não tem cor! Como pode ser feliz?"

a Você concorda com a arara que para ser feliz é preciso ser colorido (a), ou seja, ser bonito (a)? _____

_____

b. Em sua opinião, existem mais coisas na vida de uma pessoa, além da beleza, para se sentir feliz? Não? Sim? O que, por exemplo? _____

_____

c. Há um trecho na página 8 que justifica a questão b. Encontre-a e reescreva aqui: _____

_____

_____

_____

Converse com o colega:

Já passou pela mesma situação de Pepê diante da arara? Alguém já disse que você não pode ser feliz por causa "disso ou daquilo"? Em sua opinião, essa atitude ou comportamento da arara não seria de alguém arrogante? Você falaria isso para um amigo (a)? Falando nisso, como você se considera?

Depois do abutre, da arara, Pepê conheceu uma ave, segundo ele, muito esquisita. Quem seria?

O morcego fez um convite: "que tal sair por aí, e aproveitar a noite?". No outro dia, Pepê amanheceu de "cabeça para baixo". Pergunta: Em sua opinião, é correto o que Pepê fez, aceitando um convite de alguém para se aventurar na noite? Não teria Pepê colocado a sua vida em risco? Justifique sua resposta.

Para Refletir

1. Você teria a mesma coragem do Pepê? Sairia por aí, com um desconhecido, sem a companhia de seus pais, apenas para "curtir" ou se sentir feliz?

Agora é com você

Durante a leitura, você percebeu a presença de algum ensinamento?
Pois bem, analise as seguintes questões e responda:

1. Como a ave definiu a felicidade? O que ela trazia dentro de si? Qual o ideal da ave? (pág. 12)

2. De acordo com a coruja, para encontrar a felicidade é preciso ir muito longe? Onde fica a felicidade?

3. Quem disse a seguinte frase: (...) "Quem não dá tempo para si mesmo jamais descobrirá os segredos da felicidade."

4. Você já tentou ficar em silêncio, tranquilo para compreender a si mesmo? Sim? Como foi a experiência? Não? Então, que tal tentar agora? Tente descobrir o que você tem de bom para repartir com os outros. Talvez ouvir um amigo, seus avós, seus pais, enfim.

Agora é com você

1. Sobre a afirmação de Vado: "Nunca se está só, quando em algum lugar da floresta, se tem um amigo!". Em sua opinião, por que é bom ter um amigo?

2. Pensando nisso, Vado afirma que a arara também precisa de ajuda. Você sabe explicar por quê?

Um assunto puxa o outro

Sugerimos levar aos alunos esta colocação, no sentido de alertá-los o que pode ser considerado felicidade ou felicidade artificial. Sabemos que:

1. Atualmente, muitas pessoas usam, sem necessidade, antidepressivos, medicamentos que levam a um estado de felicidade (imaginária e passageira), cuja sensação acaba, mas os problemas continuam. Trata-se da felicidade artificial e quando alguém desfruta dessa felicidade acaba não percebendo a sua própria realidade, mesmo quando tem a vida miserável.

2. Hoje em dia, muitas acreditam que para alcançar a felicidade é preciso ser bela, magra, bem-sucedida, equilibrada e famosa. Esses modismos impostos pela sociedade de consumo têm acarretado frustrações pessoais e profissionais, além de problemas psicológicos, como a depressão. Então surgem as questões: por que as pessoas buscam a felicidade? Quais são os caminhos, geralmente utilizados, para encontrá-la?

Desafio

Muito bem! Depois da leitura, discussão e reflexão: desenhe ou desenvolva um texto bem bonito, destacando tudo aquilo que pode fazer alguém se sentir mais feliz.

Sugestões para avaliação

Participação nas atividades. Atendimento às propostas de trabalho individual ou em grupo.

Ressaltamos que as atividades, aqui propostas, têm por objetivo cooperar, oferecendo subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra *Águia Sonhadora* da PAULUS Editora, e que não pretendem ser determinantes do trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.

Projeto Pedagógico
encartado junto com a revista

Páginas Abertas

100 ANOS
PAULUS

Conheça outros projetos pedagógicos no site:
paulus.com.br

SOMBRA e água fresca

Divulgação

Siga-nos
http://twitter.com/pauluseducacao
twitter

No sertão quando tudo está tranquilo e em paz, no sossego e na calma, costuma-se relacionar a vida descansada com a expressão "sombra e água fresca". Sabe o sertanejo o significado de uma sombra quando se tem um sol escaldante sobre a cabeça. Sabe o sertanejo o valor da água fresca quando o calor é tanto e a garganta pede o líquido precioso. O sertão poder ser em todo lugar.

Sombra aqui tem um sentido muito positivo. Não contradiz a luz. A sombra é a pausa para o repouso, é o momento de repor as energias, respirar, sentir o palpitar da vida. A partir da sombra de uma árvore, ou de um alpendre de casa do interior, por exemplo, pode-se contemplar o horizonte iluminado pela luz do sol. Por vezes, um sol que faz tremer a vista, e de tão intenso os olhos se apertam para enxergar melhor a vida que se apresenta, com seus encantos e desafios.

•••

Não ambicionava riqueza.
Queria apenas sombra e água frescas,
Fogo na panela,
Um cão amigo de guarda
Ou mesmo um alpendre simples,
E rede no armador. Ah, bastava!
Isso traduzia dignidade, amor.
A filharada lá fora inventava
brinquedo no outão...

•••

Usufruir da sombra é como que olhar para o mundo com vontade de beleza, com um olhar capaz de estender a compaixão, tomando para si as dores do mundo. Usufruir da sombra é vislumbrar aspectos do cotidiano da vida que, para a multidão apressada, poderiam passar invisíveis, por serem aparentemente secundários e efêmeros. Há um segredo naquilo que parece óbvio. Usufruir da sombra é ver o invisível que se revela nas coisas simples, como quem degusta um copo de água fresca.

A água fresca é a delícia que alivia o calor sufocante. Água que ao escorrer pela garganta suaviza o corpo cansado e sedento de vida. Água fresca é o sabor da existência com sentido. Sentido que supera as superficialidades dos relacionamentos ocos. Água fresca é como lampejo de inspiração e fonte para a enunciação de uma palavra necessária e duradoura, num mundo que exalta e ostenta a fugacidade. Água fresca é notícia boa.

•••

Água no copo, da fonte.
Tirada do pote, potável.
Água esperando a sede,
Fria e boa.
Doce na boca, na língua,
Descendo, garganta
Rio da gente.
Água na pele, arrepia.
Água nos poros saciados,
Riacho da gente.
Águas profundas,
Marés, força da lua.
Ondas sagradas, salgadas
Três quartos da terra
Três quartos de nós
Água, oceanos da gente...

Antonio Iraildo Alves de Brito é padre paulino, jornalista, bacharel em Filosofia e Teologia. Mestre em Letras e Regionalidade. Doutorando em Comunicação e Semiótica. Publicou o livro Patativa do Assaré: porta-voz de um povo pela PAULUS.

PASSEIO PELA ciência com muito aprendizado

Museu de Ciências e Tecnologia da PUC-RS

possui vasto acervo e centenas de atividades, além de parceria entre alunos e professores

Um universo todo para ser descoberto. Milhares de coisas para ver, tocar, ouvir, sentir e imaginar. Assim é o Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), também conhecido como MCT-PUCRS.

Muitos visitantes que conhecem o MCT - PUCRS passam o dia todo lá e ainda acham o tempo curto. Como lembra a fisioterapeuta Amanda Lionello Constantino, que considera o passeio um excelente programa para qualquer idade. "O museu transforma conceitos de química, física, biologia e matemática em brincadeiras, é um jeito muito divertido de aprender. A exposição permanente possui vários experimentos interativos, entre eles, Corpo Humano, Força e Movimento, Seres Vivos, sessões no cinema 3D, entre outros. É um excelente programa para todas as idades. Um dia é pouco para conhecer tudo o que o museu oferece."

Conhecimento gera conhecimento. Tanto que as coleções científicas do museu, – que abrigam um vasto acervo de fósseis, espécimes representantes de nossa biodiversidade e peças provenientes de escavações arqueológicas –, são objeto de pesquisa de mestrandos e doutorandos provenientes de várias partes do mundo.

Entre os pavilhões do MCT-PUC/RS, destacam-se algumas coleções como:

Carolina Luz Paulo/Divulgação

Anfíbios: diversidade e ameaças

Nesta exposição o visitante pode observar girinos em diferentes fases de desenvolvimento, refletir sobre os perigos que a ocupação humana indevida pode representar aos anfíbios, conhecer sua importância farmacológica e interagir num jogo sobre a diversidade de cantos dos mesmos.

O objetivo é estimular a empatia do visitante com os anfíbios, evidenciando toda a beleza escondida nas formas, cores, cantos e curiosidades que cercam esses pequenos animais e informando sobre a importância da conservação dos mesmos.

Evidências acumuladas nas últimas décadas demonstram que existe um declínio de populações de anfíbios em nível mundial. O Brasil conta com aproximadamente 800 espécies de anfíbios, os quais apresentam uma importância ecológica incalculável.

Ciência no Set

Com o objetivo de mostrar de forma lúdica a ciência que está nos bastidores e por trás das câmeras do cinema, o Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS organizou, em parceria Curso Superior Tecnológico em Produção Audiovisual da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, a exposição Ciência no Set, dividida em dois eixos principais:

O cinema e a ciência e como se faz um filme? No primeiro caso são tratadas as descobertas científicas que tornaram possível a existência do cinema, especialmente o princípio da câmara escura, o controle da fotossensibilidade dos sais de prata e a descoberta da persistência visual na retina. Já o segundo teve o lançamento do longa-metragem "Menos que Nada", dirigido por Carlos Gerbase, como pano de fundo para elucidar ao visitante os processos de realização de um filme.

Espaço dos Mamíferos Aquáticos

O espaço apresenta um esqueleto completo de baleia-de-Bryde (Balaenoptera edeni), com cerca de quinze metros de comprimento e 95% de ossos originais propondo uma experiência inusitada. Além de promover comparações com outros seres vivos, a disposição, forma e tamanho dos ossos levam o visitante a imaginar o funcionamento do organismo e os hábitos desse grande cetáceo. Já o painel "Gigantes dos Oceanos" permite comparar formas e tamanhos de alguns dos maiores seres que habitam o planeta Terra. A experiência se completa com uma série de vértebras de baleia, nas quais o visitante pode tocar e descobrir seu peso, textura e dureza, características que dificilmente se percebe apenas com o olhar. Todos esses temas são aprofundados em um material informativo especialmente produzido, enriquecido com imagens, vídeos e entrevistas.

Carolina Luz Paulo/Divulgação

CSI: a ciência contra o crime

Principalmente entre os jovens, a investigação forense tornou-se foco de curiosidade, apresentada em diversos programas de televisão.

Descobertas científicas e metodologias na área da Ciência Forense são divulgadas de uma maneira lúdica e instigante. A exposição foi montada, em parceria com a Faculdade de Biociências da PUCRS, de forma a inserir o visitante em um ambiente de investigação por meio da apresentação de uma cena de crime – o furto do osso de um esqueleto de dinossauro exposto no Museu.

A capacidade de observação e dedução do visitante é testada em temas como balística, papiloscopia, informática e biologia forense, tudo a partir desse crime.

Ciência e Cuidado

Considerada a fundadora da Enfermagem Científica, Florence Nightingale (1820 -1910) também tem o seu legado divulgado no museu, a partir da Exposição Ciência e Cuidado, desenvolvida com o apoio da Faculdade de Enfermagem, Nutrição e Fisioterapia da PUCRS e da Associação Brasileira de Enfermagem/ABEn-RS. São apresentados detalhes sobre a vida e a obra de Florence, a exposição destaca também o ato de cuidar, primordial na prática da enfermagem enquanto ciência e arte.

Com o intuito de enfatizar essas temáticas, foram elaborados experimentos interativos que ressaltam a importância da higiene pessoal e ambiental para a melhora do paciente e ações de cuidado, especialmente com crianças e idosos.

Espaço do Ciclomotor Elétrico

A preservação dos recursos naturais e inovações também estão entre as grandes preocupações para o futuro. Essas são as ideias centrais do Espaço do Ciclomotor Elétrico, um espaço criado em parceria com o TECNOPUC, onde o visitante pode "pilotar" um ciclomotor elétrico e conhecer mais sobre meios de transporte movidos à energia limpa e renovável.

Também está presente no mesmo espaço uma árvore solar que, quando instalada em ambientes abertos com grande incidência de raios solares, transforma a energia do Sol em energia elétrica limpa e renovável, a qual pode ser utilizada para a recarga de baterias de celulares, notebooks e do próprio ciclomotor elétrico.

Espaço Wallace

Homenageando o centenário da morte de Alfred Russel Wallace (2013) o Espaço Wallace foi elaborado com a assessoria científica de curadores da Coleção de Ictiologia do Museu, para divulgar aos visitantes aspectos relevantes da vida e da obra do cientista inglês. Alfred Wallace viveu por cerca de quatro anos na Amazônia brasileira desenvolvendo pesquisas em diversas áreas da ciência.

São apresentadas informações sobre a vida do cientista em terras brasileiras, desenhos de espécies de peixes e plantas feitos pelo próprio Wallace e jogos interativos que envolvem a biodiversidade nativa.

10 Anos na Rota Migratória da Baleia-Franca

Na busca de proporcionar aos visitantes um contato mais próximo com a diversidade marinha, está a exposição fotográfica 10 Anos na Rota Migratória da Baleia-Franca, que tem como foco a baleia-franca-austral (Eubalaena australis), um dos maiores cetáceos que frequentam a costa brasileira.

Todas sensações podem ser experimentadas pelo visitante na exposição, potencializadas pela lente sensível de Marcelo Langon, fotógrafo que há uma década acompanha a baleia-franca-austral em sua rota migratória pelo Atlântico Sul, desde o litoral argentino até as praias de Santa Catarina, Brasil.

Rodrigo Dias Ribeiro/Divulgação

Roteiro de atividades educativas

Um Banco de Roteiros e Atividades, que podem ser desenvolvidas no âmbito do MCT, é mantido em parceria com professores, alunos de graduação e pós-graduação da PUCRS. Através de agendamento individualizado, professores, educadores e universitários são atendidos pela equipe educacional do Museu na chamada Pré-visita, a fim de que possam preparar-se antecipadamente para utilizar a estrutura oferecida pelo MCT como estratégia pedagógica.

Museu sobre rodas

Dentro de um caminhão especialmente projetado, os cerca de 70 experimentos do Museu Itinerante são dispostos em uma área de aproximadamente 600m², onde os visitantes podem aprender ciências de uma maneira lúdica e prazerosa.

Depois de descarregado, o caminhão transforma-se num moderno auditório de 50 lugares, com ar-condicionado e equipamentos de audiovisual, onde são apresentados filmes em tecnologia 3D. O espaço também pode ser utilizado para palestras e apresentações de documentários científicos.

Uma equipe de professores, mediadores e técnicos especializados acompanha o projeto.

Com presença em mais de 140 eventos desde sua criação, em outubro de 2001, o Museu Itinerante já atendeu mais de dois milhões de pessoas.

O diálogo entre museu e professores

O professor José Luís Ferraro, Coordenador do Polo Educacional da PUCRS e Coordenadoria Educacional do MCT-PUCRS comentou sobre o trabalho na instituição e o contato com os professores.

Como é para o Museu o trabalho com os professores, educadores e escola?

Consideramos a parceria do Museu com as escolas fundamental. Esta interface estabelecida com as instituições de ensino de educação básica, bem como seus profissionais docentes atende ao principal escopo do MCT-PUCRS: a educação por meio da alfabetização e divulgação científica para a popularização da ciência.

Em tantos anos de relação do MCT-PUCRS com as escolas pudemos avançar também em termos de organização estrutural quando, a partir de 2008, o então Diretor Antônio Emílio Jeckel Neto colocou a professora Melissa Guerra Simões Pires – atual diretora do MCT-PUCRS - à frente da recém instituída Coordenadoria Educacional. Uma célula essencial dentro do Museu para além de pensar práticas pedagógicas e ações educativas, mas também para realizar a aproximação entre Museu e escolas.

Desde então a coordenadoria Educacional tem atendido inúmeras escolas e professores, orientando visitas, auxiliando na elaboração de roteiros e se colocando à disposição para assessoria na execução de temas específicos que os professores desejam desenvolver com seus alunos, inclusive disponibilizando laboratórios especiais de Química, Física, Biologia e Matemática além de realizar empréstimo de espécimes da coleção didática para serem levados até as escolas. Isto sem contabilizar os eventos organizados como a *Feira de Ciências e Inovação do MCT-PUCRS*.

Neste sentido, a parceria Museu e escola é o que torna viva a missão de educar a partir do elementos que permeiam o conhecimento científico e das tecnologias que derivam deste conhecimento.

Existem números que podem ser divulgados sobre os professores atendidos, alunos que visitam o Museu ou trabalhos realizados com escolas?

Em 2013 o MCT-PUCRS atendeu aproximadamente 4.000 acadêmicos da PUCRS em atividades curriculares ou extracurriculares. Com relação ao número de visitantes (escolas + público em geral), dependendo da época do ano o MCT-PUCRS recebe até 2.000 pessoas por dia.

Como o Museu avalia a parceria que realiza com educadores?

Enquanto instituição, cada vez mais nos interessa o fortalecimento desta parceria que avaliamos de forma muito positiva. Mais que simples professores que trazem suas turmas para executar atividades educativas na área de exposições do MCT-PUCRS, estabelecemos uma relação de parceria na essência. A estrutura da coordenadoria educacional permite – se bem explorada – que os professores também tenham uma possibilidade de proporcionar aulas diferenciadas, pois a estrutura que o educador pode dispor vai além da realidade do que o mesmo tem à mão em sua escola.

SERVIÇO

Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 Partenon
Prédio 40 - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320.3521
www.pucrs.br/mct

Horário de funcionamento

Terça, quarta e quinta das 9h às 17h
Sexta-feira das 9h às 21h
Sábado, domingo das 10h às 18h
Feriado das 10h às 18h

Isso é culpa do GOVERNO?

E as contas que são da nossa conta?*

Divulgação

Há uma frase clássica que diz "os ausentes nunca têm razão". E há muitas pessoas que se ausentam da tarefa de, como cidadãos no dia a dia, se relacionar ativamente com o poder público. Por princípio, numa democracia, o poder vem de nós – de cada homem e cada mulher – que ofertamos, delegamos, entregamos o poder que temos como pessoas, como cidadãos, como contribuintes, para que o Estado dirija as ações em nosso nome.

Questão básica: o Governo nos representa. Nós precisamos fazer com que o poder público esteja atuando na direção das nossas necessidades e, de outro lado, precisamos ter informação, conhecimento, lembrando que a cidadania não se esgota na eleição, não termina no voto. Ela se dá no dia a dia, quando eu participo, quando eu debato, me interesso.

E por isso, o poder público, isto é, o poder do Estado, é o meu poder. Cada vez que eu deixo de lado a minha participação, a minha presença, eu estou me omitindo. Por isso, quando trazemos à tona o tema do relacionamento ético dos cidadãos entre si e na interface com os poderes públicos, a questão se agudiza.

Faz uma década, pediram a mim que escrevesse algo sobre a Ética na Administração Pública e, na ocasião, registrei algumas percepções que, resumidamente, retomo agora nos quatro parágrafos seguintes.

A maior *fratura ética* que pode acontecer na atuação do Estado é a não consecução de suas finalidades; o mais forte *obstáculo ético* é a falência ou precariedade no oferecimento dos serviços públicos que são custosamente remunerados pela população e que, ao não terem correspondência efetiva (na proporção exata e distributiva do que é pago), adentram perigosamente no perímetro do estelionato.

Há uma causa para isso que, mesmo não sendo a única e nem a mais substantiva, é a que pode mais facilmente ser enfrentada: durante muito tempo gerou-se no Brasil uma análise maniqueísta (e de consequências funestas) na qual se expressou uma divergência (quase excludente) sobre as formas de organização, operação e procedimentos no interior do setor público e do setor privado.

Tal análise conduziu, entre outras coisas, a uma suposta incompatibilidade para a permuta de métodos executivos entre os dois setores e, mais ainda, a uma avaliação equivocada (se observadas as especificidades) sobre a *qualidade dos efeitos* obtidos: o que se originar no Público chegará a um resultado ruim, enquanto que o Privado é sempre um modelo de eficiência.

Essa antinomia valorativa não é correta quando olhamos os fatos concretos, dado que resultados bons e ruins temos em ambos os setores. Se assim não fosse, de um lado, o Estado, nos seus três âmbitos, sendo entendido por muitos como naturalmente inepto, teria conduzido a nação para o colapso em todas as áreas de sua atuação; ou, por outro lado, o Privado, identificado como padrão de excelência, seria imune a ruínas, déficits e incompetências administrativas ou financeiras.

No entanto, é forçoso aceitar que o Estado, tendo em vista sua finalidade precípua de promover o bem estar da coletividade, preservar o bem comum e garantir a cidadania, vem, amiúde, falhando. Enredado continuamente no

formalismo exacerbado e no atravancamento oriundo da lentidão burocratista, resultantes de nossa formação histórica (privilegiadora de alguns grupos sociais e, também, de práticas predatórias em relação ao patrimônio conjunto), o setor público (sem se afastar de seus objetivos maiores) necessita romper essas amarras. Elas, em grande medida, ocasionam a facilitação da *ineficácia*, da *inoperância*, da *incúria*, da *negligência* e da *prevaricação*.

Continuam valendo tais possibilidades; no entanto, o momento é de olhar a contribuição do cidadão e da cidadã para a recusa à degradação ética e eventual inépcia do Estado.

Vez ou outra, há uma tendência, quando se vai falar de política, de a pessoa dizer: "Ah, não quero falar sobre isso, isso não é da minha conta". Cuidado. A política é da sua conta e é da minha. Partido é uma coisa que a pessoa decide se tem ou não. Política é da nossa conta o tempo todo. Colocar-se como neutro é um ato político. Porque, como a política é a tentativa de acerto de interesses que nem sempre coincidem, colocar-se neutro é ficar sempre ao lado de quem é mais poderoso. Se alguém vê um menino de 15 anos disputando uma bala com um menino de 5 anos e diz: "não vou me meter", bem, já se meteu. Porque ficar omisso é ficar do lado de quem vai ganhar. É claro que o menino de 15 anos tem mais força que o menino de 5.

Por isso, o papel do cidadão não é dizer: "isso não é da minha conta". Ao contrário, é da tua conta, do ponto de vista do tributo, imposto e é da tua conta como exercício de vida consciente. Cada vez que eu me omito, cada vez que eu silencio, cada vez que eu suponho que problemas de governo são apenas do governo, eu não estou transferindo poder, eu estou abrindo mão dele.

E isso é algo que se entende que numa democracia não deva acontecer. É preciso cada vez mais que tenhamos clareza que, nessa relação Estado-Sociedade, ambos tenham obrigações e direitos. Não é casual que tenhamos um lema que diz: "educação, saúde, transporte, habitação: direito do Cidadão, dever do Estado".

Mas cuidar para que o Estado cuide é um dever nosso. *A tarefa do Estado é cuidar. A nossa tarefa é cuidar para que o Estado cuide.*

A primeira obrigação do poder é servir, isto é, colocar-se a serviço de uma comunidade. A questão é que isso não é uma obrigação apenas de Governo – também é de Governo – mas também o cidadão tem de servir. O serviço do cidadão para o governo chamamos de obrigação. Nós temos direitos e deveres. Um dos nossos direitos é exigir que o poder público cumpra aquilo que é a sua área de competência. E um dos nossos deveres é servir a nossa capacidade de não admitir que o poder público não faça isso.

Quando se tem um cidadão descuidado é preciso também que o Estado, o poder público, cuide para que não haja descuido. Uma das maneiras de fazê-lo é informar, debater, trazer o diálogo. Não é um vigiar o outro, mas é um ser capaz de supervisionar o trabalho que é feito. Isso vale para o hospital, para o transporte, para a área de segurança. Tudo é uma inter-relação e quando deixamos isso de lado estamos abrindo mão dos nossos deveres e direitos como cidadão.

Muita gente, por não cumprir as suas tarefas, acaba se restringindo a reclamar do Governo. Às vezes isso é um esporte, como atirar dardos. Não é que governos sejam imunes à reclamação e à crítica. Ao contrário, eu tenho o direito de fazê-lo. Mas eu não posso, como cidadão, me habituar a, em vez de fazer o que tenho de fazer, apenas reclamar.

Se eu participo, se tenho atividade, cumpro a antiga máxima: "é melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão".

---

*Excerto, organizado e modificado pelo autor, de CORTELLA, M. S.. *Não Se Desespere!* ... Petrópolis: Vozes, 2013.

**Mario Sergio Cortella é *Filósofo e escritor, com Mestrado e Doutorado em Educação pela PUC-SP, da qual é professor titular e na qual atuou de 1977 até 2012; é autor, entre outras obras, de Não Espere Pelo Epitáfio! (Vozes), Não Nascemos Prontos! (Vozes) e Qual é a tua obra? (Vozes).*

PALAVRAS *que são* eternas

Este ano tivemos perdas significativas na **literatura brasileira**, com a morte de grandes autores do nosso país. Um deles foi colaborador da nossa revista, e escreveu vários livros pela PAULUS. Outro participou do Simpósio de Educação que organizamos, com muita energia. Além da saudade, os três deixam um legado e tanto em textos, palavras e magnífica produção cultural. São eles, **Rubem Alves**, **João Ubaldo** e **Ariano Suassuna**. Convidamos três professores para já relembrá-los e, mais que isso, celebrar o imenso legado que nos deixaram.

Rubem Alves

Por Douglas Tufano*

ADEUS, MESTRE!

Nosso mestre Rubem Alves partiu. Não tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente, mas compartilhei com ele os espaços desta revista por algum tempo. Aqui ele escreveu durante anos uma página intitulada *Tempus fugit*. Eram páginas de reflexão sobre esse nosso inimigo sagaz – o tempo. E, em seus textos, chamava a nossa atenção sobre a importância de olhar a beleza das coisas simples como flores, auroras, poentes, e a beleza das obras de arte, da música, da poesia. A vida é curta, e por isso, dizia ele, é preciso saber como usar bem o tempo que nos foi destinado.

Eu lia e relia seus livros, cheios de uma sabedoria vinda da experiência de uma vida vivida com sensibilidade e inteligência. Como professor, suas palavras me inspiravam e animavam. Seus comentários sobre a necessidade de humanização do magistério muitas vezes me fizeram repensar minha prática pedagógica em sala de aula. Com ele, aprendi a reconhecer o valor das relações humanas no ato de ensinar, ser um "pastor de projetos" e não um mero professor transmissor de conhe-

cimentos e informações. Essa "alegria de ensinar" transforma o exercício do magistério numa experiência rica, empolgante, ligando-nos definitivamente à vida de nossos alunos. E dando à nossa profissão uma dimensão humana profundamente enriquecedora, pois não somos mais apenas professores e alunos, mas seres humanos realizando projetos de vida (e não somente projetos escolares), compartilhando as emoções das descobertas das coisas que realmente valem a pena.

Valorizando as artes, Rubem Alves expressava uma visão estética da pedagogia — estética no sentido de despertar os sentidos, de aprimorar a visão das coisas, de incluir a emoção e os sentimentos no ato de ensinar e aprender. Falava muito da morte, mas para nos lembrar da urgência de uma vida autêntica, de uma existência significativa. Desprezava a rotina estéril, burocrática, que esteriliza o ato pedagógico e, no fim das contas, a própria vida.

Assim disse o mestre: "Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais."

Nada mais verdadeiro. Ajudar alguém a realizar seu projeto de vida é participar intensamente da vida dessa pessoa. E os professores que se dedicam de corpo e alma ao magistério, que se interessam por seus alunos como seres humanos, serão sempre lembrados por eles. Vivem na memória dos homens. Como viverá Rubem Alves.

* Douglas Tufano (dgtufano@terra.com.br) é colaborador da revista Páginas Abertas, professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura.

João Ubaldo

Por Maria Teresa Sauer*

– UM ESCRITOR IMORTAL, UMA CENTELHA DE VIDA –

João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (1941-2014) é, mesmo depois de sua partida, um ser imortal. Como todos os grandes escritores, seja da literatura brasileira ou mundial, deixou em suas obras o conteúdo de uma vida. Alguém que se esforçou pelo conhecimento e recebeu como frutos um talento inesgotável e uma visão privilegiada sobre a realidade em que viveu.

Nascido em Itaparica (BA) e tendo crescido em Sergipe, Ubaldo Ribeiro foi, desde criança, um estudioso da língua brasileira e de outras como o inglês e o francês, fato que lhe permitiu fazer traduções de suas próprias obras e espalhá-las pelo mundo. Inspirado em Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, especialmente em *Sargento Getúlio*, o escritor enriqueceu a literatura brasileira com o sabor do regionalismo nordestino, sem perder de vista os fatores históricos que levaram à formação da sociedade de seu próprio país e a complexidade de suas relações.

Com um estilo por vezes irônico e mordaz, João Ubaldo Ribeiro nunca deixou de ser um crítico da realidade passada e presente do Brasil. Tendo ingressado cedo na carreira de jornalista e permanecido ativo nela durante toda a sua vida, trabalhou em grandes veículos de comunicação brasileiros, alemães e portugueses. Cronista e colunista, também se firmou como romancista com duas obras primas, o já citado *Sargento Getúlio* (1971) e *Viva o Povo Brasileiro* (1984).

Os trabalhos de João Ubaldo Ribeiro são uma fonte rica de informações sobre a construção da sociedade brasileira e uma tentativa auspiciosa e artística de revelar, como um prisma, suas mais diversas facetas. Tendo bebido de várias fontes literárias, o escritor trouxe, além do regionalismo, uma visão crítica sobre as origens do nosso povo e suas relações – catequização dos índios, abolição da escravatura, golpe militar de 1964, entre outros temas.

Essas características, somadas à competência com que Ubaldo lidou com a língua portuguesa e suas particularidades, fizeram com que recebesse diversos prêmios: Jabuti (1972 e 1984), da Câmara Brasileira do Livro, e o Camões, o mais importante da língua portuguesa (2008). O talento ao que se propunha a escrever o levou à Academia Brasileira de Letras (ABL).

A grandiosidade e genialidade da obra de Ubaldo Ribeiro foram reconhecidas e expandidas por vários espaços artísticos, desde o cinema e o teatro até a TV. Suas adaptações foram estreladas por grandes atores do cenário nacional, tal como Lima Duarte (filme *Sargento Getúlio*, de Hermano Penna, em 1983), Tony Ramos e Maitê Proença (série homônima *O Sorriso do Lagarto*, Rede Globo, 1991) e Fernanda Montenegro (*A Casa dos Budas Ditosos*, monólogo teatral de Domingos de Oliveira, em 2004).

Saindo da visão de um país apenas tropical e repleto de belezas, Ubaldo conseguiu, com suas obras e traduções, valorizar a fauna e a flora e revelar um aspecto cosmopolita, sem ser apenas regionalista, mas de todo o povo brasileiro. Além de ter revolucionado a literatura nacional (é considerado um dos precursores do romance moderno brasileiro), suas crônicas deixaram uma marca bem delineada ao universalizar contextos, mesmo quando focadas no povo e nas particularidades de cada porção do Brasil.

João Ubaldo Ribeiro se inspirou em diversos autores renomados da literatura brasileira. Agora, como os demais, ele também partiu, mas deixou para trás uma centelha de vida que jamais se apagará, e servirá para acender a criatividade e recriar novas visões de mundo, novos escritores. Insubstituível, como todo grande imortal, estará vivo em cada educador que o levar para a carteira dos jovens, em cada ensinamento de sua obra, e principalmente, em cada linha que brotar de outras mãos, como fruto de seus pensamentos.

*Maria Teresa Sauer é Coordenadora Educacional e Pedagógica do E. F. II do colégio Nossa Senhora do Morumbi e tem Licenciatura plena em Letras Português e Inglês e Especialização em Educação.

Por Maria Cristina Carvalho*

LEGADO QUE NÃO SE APAGA

Ariano Suassuna nos deixou em julho deste ano, mas sua vida e obra garantiram a ele a imortalidade, não apenas na Academia Brasileira de Letras, mas na memória de todos os brasileiros. O poeta, romancista, ensaísta, dramaturgo, professor e advogado marcou vidas, seja através de sua atuação política, de suas aulas ou de suas obras. Todos verdadeiros retratos da cultura popular nordestina.

Autor de O Auto da Compadecida, Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta, entre outras, Ariano Vilar Suassuna deixa um incrível legado. Ao longo de sua vida lançou mais de 20 obras, todas escritas e reescritas à mão e geralmente ilustradas pelo próprio escritor. Tamanha dedicação resulta claramente em absoluta primazia.

O pai do Movimento Armorial costumava sintetizar elementos e figuras da cultura do povo nordestino e obras clássicas da literatura universal. Nesse sentido, lançou o movimento que prezava justamente pela criação de uma cultura erudita com bases na cultura popular.

Sua defesa ferrenha da cultura brasileira e a luta contra as influências norte-americanas muitas vezes lhe renderam os títulos de xenófobo e lunático. Mas o contador de histórias do sertão deu novos ares à literatura regionalista. Seguindo os passos de João Guimarães Rosa, José Lins do Rego, entre muitos outros, Suassuna difundiu a cultura nordestina.

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, onde ocupava a cadeira 32, disse "sei que minhas dimensões não são as de Euclides da Cunha, mas é à linguagem dele que sempre procurei me filiar". O autor entrou em contato com Os Sertões na biblioteca de seu pai – ex-governador da Paraíba que fora assassinado quando ele tinha apenas três anos e cuja morte lhe rendeu marcas para toda a vida.

Nascido em João Pessoa, Ariano Suassuna se mudou com a família para o sertão pouco antes da morte de seu pai. Lá ele conheceu manifestações culturais tais como o teatro do mamulengo e o desafio de viola. Essas influências são reconhecidas em grande parte de suas peças, povoadas pela improvisação.

Em Recife estudou direito, fundou o Teatro do Estudante, doutorou-se em história, deu aulas de estética, foi secretário municipal de educação e cultura, secretário estadual de cultura e residiu até o fim da vida.

O cavaleiro do sertão, dono de produção artística de indiscutível qualidade, teve seu trabalho reconhecido, ganhando diversos prêmios. Entre eles o prêmio Nicolau Carlos Magno. Além disso, foi homenageado duas vezes em desfiles de escolas de samba, uma vez pela Império Serrano e outra pela Mancha Verde. Em 2015, o tema da escola Pérola Negra será O Auto da Compadecida, uma de suas obras mais famosas.

Matheus Nachtergaele, ator que interpretou João Grilo no cinema, escreveu uma carta emocionada após sua morte. Segundo ele, o papel teria sido o melhor de sua carreira: "Você Ariano, e teu João Grilo, me levaram para onde há verde gramagem eterna. Fui com vocês para a morada dos corações de toda gente daqui desse país bonito e duro."

Também membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Paraibana de Letras, o devoto torcedor do Sport cativou pessoas por onde passava. Até a morte defendeu a cultura e o povo brasileiro e se dedicou a levar o sertão para todo o país. Assim como Getúlio, Ariano Suassuna saiu da vida para entrar na história e por isso merece não apenas ser celebrado mas estudado em todas as dimensões da Educação.

*Maria Cristina Carvalho (coordenacaofund1@colegiojoanadarc.com.br) é pedagoga e coordenadora pedagógica do colégio Joana D´Arc.

A inquestionável PARTIDARIZAÇÃO DA IMPRENSA*

Se o leitor ainda precisa de alguma comprovação sobre o comportamento partidário dos jornalões brasileiros, sobretudo nos períodos eleitorais, recomendo a leitura do excelente *A Ditadura Continuada – Fatos, Factoides e Partidarismo da Imprensa na Eleição de Dilma Rousseff*, resultado de uma cuidadosa pesquisa realizada por Jakson Ferreira de Alencar, recentemente publicado pela PAULUS Editora.

O livro se concentra na cobertura política oferecida pelo jornal *Folha de São Paulo*, e parte da divulgação da falsa ficha "criminal" dos arquivos do Dops da militante VAR-Palmares Dilma Rousseff, em 4 de abril de 2009, então pré-candidata à Presidência da República.

Jakson de Alencar faz um acompanhamento minucioso de todo o caso, ao longo dos três meses seguintes, registrando a "semirretratação" do jornal, em matéria antológica para o estudo da ética jornalística, na qual se reconhece como erro "tratar como autêntica uma ficha cuja autenticidade, pelas informações hoje disponíveis, não pode ser assegurada – bem como não pode ser descartada" (p. 67).

Chama a atenção no episódio "A condução", pela repórter da *Folha*, da entrevista – que mais parece um interrogatório – realizada com Dilma. Há uma indisfarçável tentativa de comprovar a hipótese do jornal de envolvimento da entrevistada não só com o sequestro (não realizado) do então ministro Delfim Netto, mas também com a luta armada. A entrevista de outro militante, Antonio Espinosa, usada como suporte à tese do jornal, jamais foi publicada na íntegra, apesar de os trechos publicados haverem sido reiteradamente desmentidos pelo entrevistado.

Jakson Alencar mostra, com riqueza de detalhes, o comportamento arrogante do jornal, ao tempo em que a própria Dilma tratava de comprovar a falsidade da ficha, além do descumprimento sistemático de seu próprio Manual de Redação. Fica clara a "tese

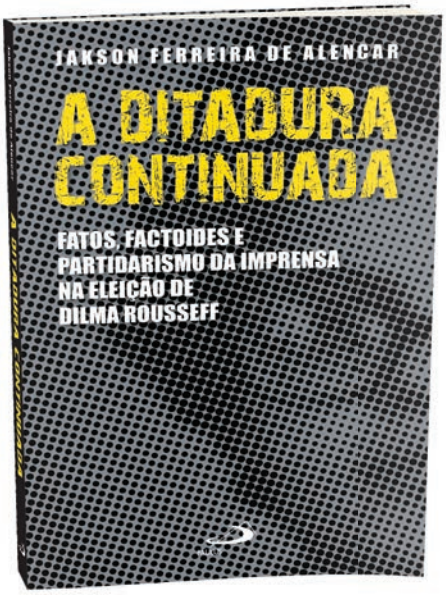
central de toda a reportagem, segundo a qual a resistência à ditadura é criminosa, e não o regime totalitário e violento, implantado de maneira ilegal" (p. 95) e, mais ainda, que essa tese "continuou sendo difundida em muitos veículos da imprensa brasileira durante todo o período da campanha eleitoral de 2010".

A segunda parte do livro trata do período da campanha eleitoral, de abril a agosto de 2010. Aqui o ponto de partida é o 1º Fórum Democracia e Liberdade de Expressão, promovido pelo Instituto Millenium, em março. Como se sabe, essa ONG é um dos *think tanks* da direita conservadora brasileira, financiado, entre outros, pelos principais grupos da grande mídia. Segundo Jakson Alencar, teria surgido nesse fórum a "Operação Tempestade no Cerrado", que orientaria a cobertura política dos jornalões e teria como objetivo impedir a eleição de Dilma Rousseff (p.105).

Concentrado na *Folha de São Paulo*, o livro mostra o então esforço cotidiano para ressuscitar escândalos passados e a busca de novos escândalos do governo do PT, além de tropeços e temas negativos relativos a Dilma. Paralelamente, o tratamento leniente e omisso dispensado ao candidato do PSDB.

Na terceira e última parte, o livro aborda a Operação Segundo Turno e cobre o período que vai de 26 de agosto a 3 de outubro. A partir do momento em que as pesquisas de intenção de voto confirmam a tendência de eleição de Dilma, tem início "uma maciça ação da imprensa contra a candidata às vésperas da eleição e uma chamada 'bala de prata', com o intuito de alterar os rumos da campanha" (p. 145).

Destacam-se nesse período "acusações, ilações e insinuações que viraram condenações sumárias" (p. 147), sobretudo o caso do suposto "dossiê" preparado pelo PT sobre dirigentes tucanos, com dados fiscais sigilosos, e o "escândalo" envolvendo a então substituta de Dilma na Casa Civil (registro: o Tribunal Regional Federal da 1ª Região arquivou o processo contra Erenice Guerra por suposto tráfico de influência, depois de acatar recomendação do Ministério Público Federal e por decisão do juiz Vallisney de Souza Oliveira, da 10ª Vara Federal, em 20 de julho de 2012).



Nas suas conclusões, Jakson Alencar afirma que "a cobertura (da *Folha de S. Paulo*) (...) misturou frequentemente fatos com opiniões e boatos, somando-se a isso outros elementos, como torcida, manifestação de desejos travestidos de informação, argumentação frágil e com pouca lógica, estratégias óbvias e já desgastadas pelo uso repetitivo em diversas eleições, incapacidade de analisar processos econômico-sociais para construir posicionamentos e críticas com um mínimo de sofisticação; teses e hipóteses furadas; narrativas e entrevistas enviesadas; fontes de baixíssima credibilidade" (p. 252).

Curiosamente (ou não?), na mesma época em que a PAULUS publicava o livro de Jakson Alencar, a PubliFolha lançava na Coleção "Folha Explica" o livro sobre a própria *Folha*, escrito por Ana Estela de Souza Pinto, jornalista da casa desde 1988. Neste, o "erro" do episódio da ficha falsa de Dilma no Dops merece registro em função do "fato de a *Folha* ter voltado sua bateria investigativa para todos os governantes, de diferentes partidos". Segue-se um parágrafo da "retratação" que a *Folha* ofereceu, já citada, na qual, apesar de todas as evidências em contrário, se afirma que a autenticidade da ficha do Dops "não pode ser assegurada – bem como não pode ser descartada". Nem uma única observação sobre a cobertura partidária das eleições de 2010.

O resultado de tudo isso, como se sabe, é que Dilma Rousseff – apesar da grande mídia e do seu partidarismo – foi eleita presidenta da República.

A Ditadura Continuada – Fatos, Factoides e Partidarismo da Imprensa na Eleição de Dilma Rousseff, de Jakson Alencar, demonstra e confirma o que já sabemos: os jornalões brasileiros, além de partidarizados, não têm compromisso nem mesmo com seus manuais de redação.

---

*Artigo publicado originalmente na edição 108/janeiro 2013, da revista Teoria e Debate, da Fundação Perseu Abramo, coluna estante/livros.

**Venício A. de Lima é jornalista e sociólogo, pesquisador visitante no Departamento de Ciência Política da UFMG (2012-2013), professor de Ciência Política e Comunicação da UnB (aposentado) e autor de Política de Comunicações: um Balanço dos Governos Lula (2003-2010), Editora Publisher Brasil, 2012, entre outros livros.

EU ME DECLARO Criança

Tema da Campanha da Fraternidade 2014

Os alunos dos 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I do Instituto Educacional Santo Elias, de Sobradinho - Distrito Federal, desenvolveram um projeto literário sobre o tema da Campanha da Fraternidade 2014 intitulado Fraternidade e tráfico humano e com o lema: "É para a liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5,1), apoiados na obra literária *"Eu me declaro Criança"* de Ronaldo Monte com ilustrações de Cláudio Martins, da PAULUS Editora. O livro é escrito com poemas baseados nos Princípios da Declaração Universal dos Direitos da Criança.

O Projeto teve como objetivo trabalhar o tema da Campanha da Fraternidade 2014, mostrando às crianças a importância de seus direitos e deveres. O trabalho iniciou-se com a leitura dos poemas baseados nos princípios da Declaração Universal dos Direitos da criança. É importante destacar a participação efetiva da Pastoral escolar, representada pelas irmãs, religiosas Carmelitas: Marluce, Neuza, Maria José e Taiana. Buscou-se trabalhar a Campanha como convite para a conversão a Deus e aos irmãos mais necessitados e sofredores.

Conforme texto da CNBB-2014 "As pessoas, geralmente, são atraídas com falsas promessas de melhores condições de vida em outras cidades ou países e ali são cruelmente usadas e escravizadas, gerando fortunas para consciências inescrupulosas e vorazes. A maioria das pessoas traficadas vive em situação de pobreza e grande vulnerabilidade. Isso facilita o aliciamento com falsas promessas de vida melhor." Assim, ficou decidido por bem iniciar a discussão com as crianças entre 07 e 09 anos de idade e de uma forma mais lúdica, com linguagem mais apropriada à faixa etária, pois o tema é bastante amplo e de difícil entendimento para as crianças menores. Iniciou-se esse trabalho com a leitura e discussão dos poemas citados no livro *Eu me declaro criança*.

Divulgação

A linguagem dos poemas é bem acessível e de fácil entendimento infantil, com belíssimas ilustrações, que propiciam mais prazer à leitura. Inicialmente as professoras Edna, Iva, Vanusa, Leila, Flávia, Raiany/Sandra, Janaína, Áurea, Teresa e Neide, responsáveis pelas turmas de 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I, dividiram as crianças em grupos, para trabalhar os 10 princípios citados na obra.

Os alunos produziram cartazes e apresentaram para a turma, mostrando a grande importância de conhecer seus direitos, as palavras desconhecidas foram procuradas no dicionário e explicadas para a turma. Foram feitos registros dos princípios e poemas no caderno de redação, onde cada criança pode ilustrar de forma bem criativa.

As professoras fizeram um paralelo relacionado ao tema da Campanha da Fraternidade 2014, estabelecendo com as crianças seus direitos e deveres, conscientizando-as da necessidade de sempre falar a verdade e confiar na família, conforme o 9º e 10º princípio.

A culminância do projeto foi realizada por meio da declamação dos princípios e da apresentação da música *É bom ser criança*, do cantor e compositor Toquinho, com coreografia. No dia da apresentação cada criança estava vestida com um colete confeccionado pela professora, cuja decoração foi criada por cada um dos alunos, ilustrando o princípio que eles mesmos acharam mais interessante. Após a apresentação, em sala de aula realizou-se a conclusão do projeto através de uma discussão sobre o que aprenderam e como se sentiram durante a apresentação.

O retorno do projeto se dá no fato das crianças terem aprendido, desde as séries iniciais, quais são os seus direitos e deveres. Isto lhes ensina a ser solidários, agirem conscientes dos seus posicionamentos, melhorando a sua capacidade autoavaliativa. Também lhes mostra como refletir antes de agir, sentindo e compreendendo com seriedade e respeito à dor do outro, sendo até mesmo capaz de intervir com segurança em situações similares que possam ocorrer.

REFERÊNCIAS

http://www.cnbb.org.br/campanhas-1/fraternidade

MONTE, Ronaldo. EU ME DECLARO CRIANÇA. São Paulo: PAULUS Editora, 2013.

Princípios da Declaração Universal dos Direitos da Criança.

*Ana Cristina Macedo Geiger de Melo é pós-graduada em Psicopedagogia, Pedagoga, Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental - séries iniciais. Brasília-DF. Marta Vitalina Santos é pós-graduada em Psicanálise da Educação, Pedagoga, Diretora Pedagógica. Brasília-DF

O sonho de Karim

Veruschka Guerra

Formato: 37 cm x 21 cm
Páginas: 40

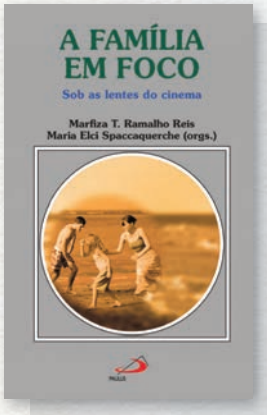
Trata-se de um livro de imagens que conta a história desta garota que tem um sonho e, ao acreditar nele, muda a sua vida. A curiosidade e imaginação da menina a levarão a fazer significativas experiências e encontros, na busca da realização de seus sonhos.
O lugar onde se desenvolve a história é baseado em uma cidade fictícia marroquina. A autora realiza um grande trabalho, dando vida a Karim e enchendo de encanto e história, as páginas desse maravilhoso livro sem textos.

Quem mexeu na minha floresta?

Adalberto Cornavaca
Ilustrações: Adalberto Cornavaca

Formato: 28 cm x 21 cm
Páginas: 32

Este é um livro que apresenta somente ilustrações e faz parte da coleção Imagem da Palavra. Com belas imagens, o objetivo do título é interagir com o jovem leitor e exercitar a sua criatividade no decorrer da história. Quem mexeu na minha floresta?, de Adalberto Cornavaca, é também uma obra dedicada a todas as crianças que amam e protegem o meio ambiente e, por meio de seu enredo, visa interagir e convidar as crianças para que encontrem seus próprios caminhos.

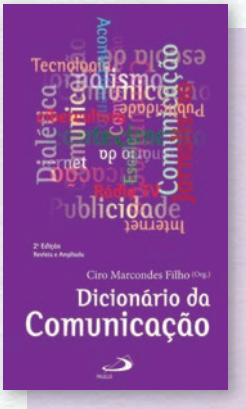


A família em foco
sob as lentes do cinema

Marfiza T. Ramalho Reis / Maria Elci Spaccaquerche (org.)

Formato: 13,5 cm x 20 cm
Páginas: 296

Interpretando personagens de filmes que têm como temática a família, a obra foi organizada por Marfiza Reis, psicóloga especialista em psicoterapia de casais e família e Maria Elci Spaccaquerche, psicóloga e terapeuta junguiana. Escrita por doze profissionais, o título é dividido em quinze capítulos. A partir dos filmes a obra aborda um arquétipo da relação família, entre eles: *w*, entre outros longas-metragens conhecidos do grande público.



Dicionário da Comunicação
Edição ampliada e revisada

Ciro Marcondes Filhos

Formato: 12,5 cm x 22,5 cm
Páginas: 496

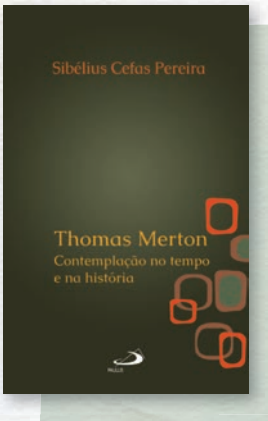
Mais de oitenta colaboradores de primeira linha reunidos na obra apostam na organização, na estruturação, na definição de um código próprio que consolide seus conceitos, que corrija o que é indevido, que se institua como padrão terminológico nacional. Esta obra dá conta de todo o espectro da comunicação, que vai desde a forma interpessoal, grupal, passando pela presencial no ensino, até a chamada "comunicação social", que abrange as formas irradicadas (televisão, rádio, publicidade), assim como os processos eletrônicos.

Introdução à sociologia
Marx, Durkheim e Weber, referências fundamentais

Maura Pardini Bicudo Véras

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 344

O objetivo do título é apresentar um panorama geral da sociologia a partir de seu surgimento, fruto dos impasses vivenciados pela humanidade a partir do mundo moderno, seu desenvolvimento, principais conceitos, teorias, métodos, autores fundamentais e perspectivas. Tais elementos surgem no livro de acordo com o contexto histórico em que foram elaborados, pois se constituíram em respostas intelectuais aos desafios trazidos pelas sociedades de suas épocas e que emolduraram essa produção científica.

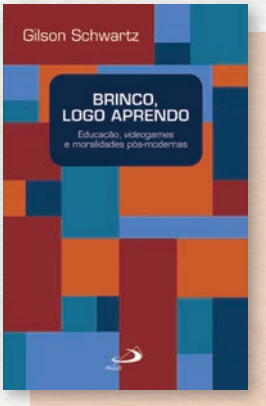


Thomas Merton:
contemplação no tempo e na história

Sibélius Cefas Pereira

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 568

Thomas Merton tem se revelado um tesouro para quem pretende aprofundar sobre seu pensamento. Ao longo de sua vida monástica, o religioso produziu textos mais densos sobre espiritualidade, como diários e cartas, hoje já totalmente editados e disponibilizados para o leitor. Sendo um monge contemplativo, recolhido ao silêncio na oração e meditação, não se furtou ao diálogo com o mundo, abrindo sua alma e coração com rara franqueza e honestidade. No conjunto da obra, é possível recompor um retrato expressivo e cativante de sua vida, marcada pela busca intensa de Deus.



Brinco, logo aprendo

Gilson Schwartz

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 344

O autor revela que se tornou não apenas urgente, mas inevitável pensar criticamente a digitalização. Ao mesmo tempo é preciso reconhecer o caráter complexo dos novos meios, ampliando o debate sobre o lugar do indivíduo, o sentido de sua formação e a temporalidade que se abre para a formulação de projetos com perspectivas locais, concretas. O livro também aponta que é urgente a reinvenção do professor como mentor, parceiro inspirador e experiente na apropriação dos novos recursos tecnológicos, em favor de práticas de aprendizagem mais criativas.

Uma foto vale mais que mil palavras

Organizadores: Alexandre Huady Torres Guimarães, Fred Izumi Utsnomiya e Ronaldo de Oliveira Batista

Formato: Digital (Epub)

Os organizadores dividiram a obra em trinta capítulos. Nela, vinte e nove especialistas de diversas áreas do conhecimento foram desafiados a produzir um discurso, de cerca de mil palavras, sobre uma foto, a partir da perspectiva de suas áreas de estudos. Reza o ditado que "uma imagem vale mais de mil palavras". De fato, um signo visual proporciona muitas interpretações, obtidas através dos códigos das diferentes mentes que a analisam. Mas afinal, uma imagem vale mais que mil palavras?

Estudar dá trabalho

Divulgação

A questão do nível de ensino no Brasil envolve múltiplos aspectos. É claro que há o problema das deficiências de muitos professores, da precariedade das instalações escolares, da falta de recursos pedagógicos modernos. Existe também a desvalorização da carreira docente, que afasta muitos jovens talentosos do magistério.

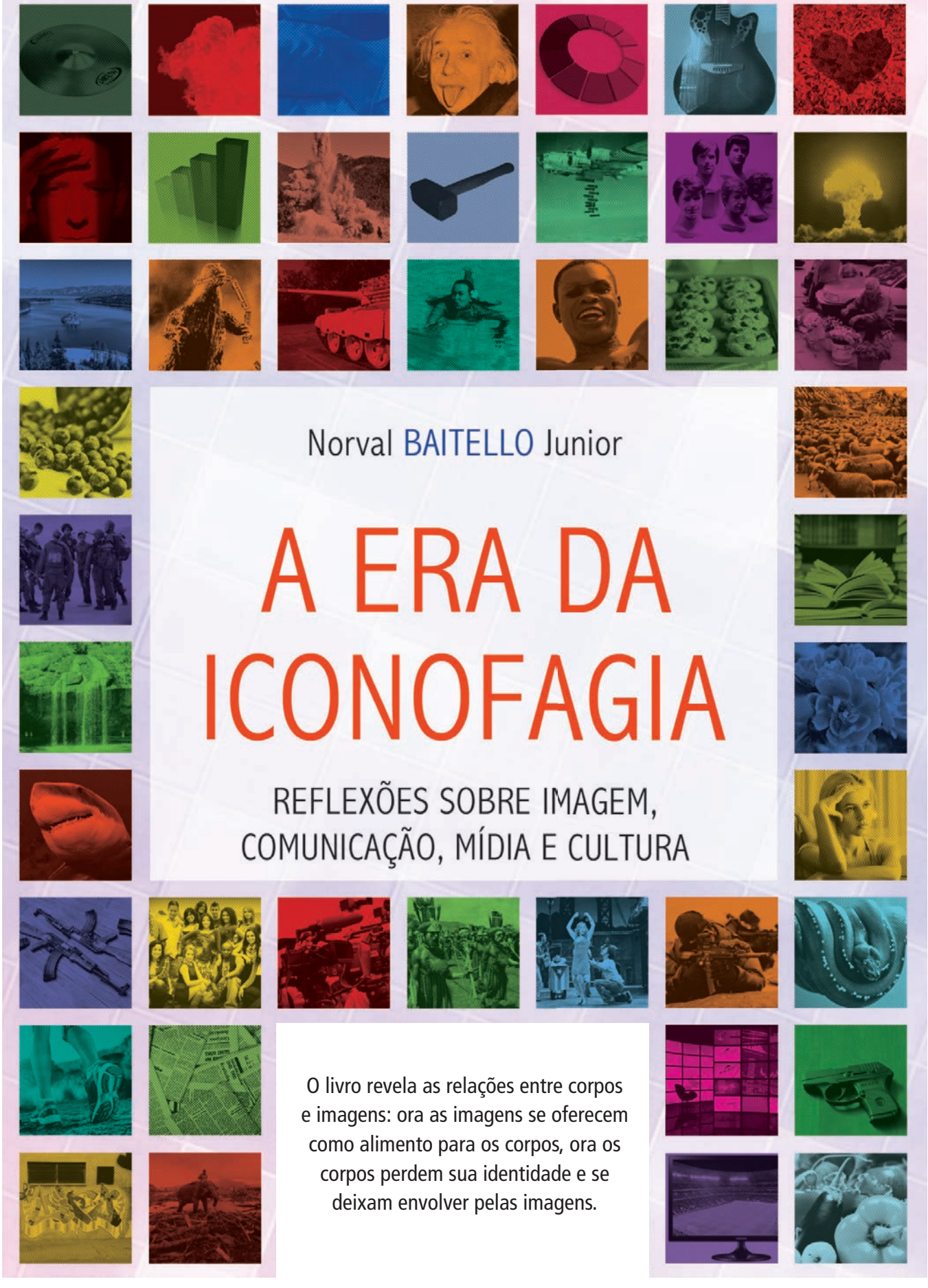
Mas nos cursos superiores, principalmente, não podemos esquecer de um aspecto cada vez mais evidente e fundamental: o desinteresse pelo estudo de um grande número de estudantes, senão da maioria.

Estudar dá trabalho. Aplicar-se aos estudos significa dedicar tempo aos livros, à reflexão. Significa roubar horas ao convívio dos amigos, diminuir muito ou mesmo cortar, durante o período letivo, festas e baladas, que não só tomam uma parte preciosa do tempo como provocam desgaste físico e mental, pela perda de horas de sono e descanso. Comparando a vida social de um estudante universitário brasileiro com o que ocorre em vários outros países onde o estudo é levado a sério, é enorme a diferença de horas dedicadas à leitura, à pesquisa séria e ao desenvolvimento intelectual. Nesses países, o estudo é visto como um investimento, isto é, como um esforço que se faz no presente para dar lucro no futuro.

Mas nossos alunos, de modo geral, veem o estudo como "perda de tempo" e não como investimento. A escola, para esses, é um mal necessário. Quanto menos der trabalho, melhor. Não se trata, a meu ver, apenas de preguiça, mas de desvalorização do estudo, o que é muito mais grave.

Mudar essa postura é muito difícil. E mudar não significa que o estudante precise virar um monge. Basta entender que, sem dedicação e responsabilidade, os anos de escola podem ser completamente perdidos. Aí, sim, serão "perda de tempo" de fato, comprometendo não só o seu futuro profissional como até sua qualidade vida. Hoje, obter um diploma não é difícil, mas não garante nada, se ele não for acompanhado de conhecimento. Se não houver essa mudança de postura por parte do aluno, o sistema escolar brasileiro não vai conseguir chegar nem perto do nível dos países desenvolvidos. E quem se prejudica, no fim das contas, é o próprio estudante.

*Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br



Norval BAITELLO Junior

A ERA DA ICONOFAGIA

REFLEXÕES SOBRE IMAGEM, COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CULTURA

O livro revela as relações entre corpos e imagens: ora as imagens se oferecem como alimento para os corpos, ora os corpos perdem sua identidade e se deixam envolver pelas imagens.

VENDAS:
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

paulusEditora.oficial
editorapaulus
paulus.com.br

100 ANOS
PAULUS

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

IMAGINAÇÃO QUE DÁ VIDA

16 págs.

Um barco em meu nome
Gloria Kirinus

Mário é um garotinho bastante observador. Um dia, reparando na grafia de seu nome, percebeu que nele moravam o mar e o rio, duas palavras bem especiais. Trocando as letras de lugar, dá asas à imaginação e a novas histórias.

32 págs.

Um sol em meu nome
Gloria Kirinus

Conta a história do menino Carlos, os pensamentos em torno de seu próprio nome e de sua história; aborda a relação familiar a respeito do nome de três gerações.

VENDAS:
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

paulusseditora.oficial
editorapaulus
paulus.com.br

100 ANOS
PAULUS